



BIBLIOTHECA

N.º 61

JOAQUIM NUNES

# Os Filhos da Canalha

DRAMA EM 3 ATOS

(Representado com extraordinario agrado  
em todos os teatros do Brasil)

NOVA EDIÇÃO

PREÇO Cr. \$ 4,00

1943

LIVRARIA TEIXEIRA  
VIEIRA PONTES & CIA.

Rua Libero Badaró N.º 491

S. PAULO

# Livraria Teixeira

VIEIRA PONTES & CIA. — Rua Libero Badaró N.º 401 — São Paulo

PRIMEIRA CASA DO PAIZ NO GENERO THEATRAL E FORNECEDORA  
DAS PRIMEIRAS SOCIEDADES, GRUPOS DRAMATICOS E CIRCOIS DO BRASIL  
Não se enviam peças á AMOSTRA, não se TROCAM, nem se aceitam DEVOLVIDAS

COMEDIAS EM 1 ACTO		3 homens e 3 senhoras	
Almoço aos pontapés ..... 2 homens	2\$000	Na cidade (o sete-nomes) .....	2\$000
Casamento por telephone .....	2\$000	3 homens e 6 senhoras .....	2\$000
3 homens		Simplicidade .....	2\$000
Atribuções dum estudante .....	2\$000	4 homens e 1 senhora	
Por um triz! .....	2\$000	Casa de doidos! .....	2\$000
Um filho para tres paes .....	2\$000	Comi o meu amigo .....	2\$000
4 homens		Coração e estomago .....	2\$000
Como se arranja um marido .....	2\$000	Dois mineiros na Corte .....	2\$000
Um disparate comico .....	2\$000	Morte (A) do Gallo .....	2\$000
Velentes e medrosos .....	2\$000	Pinto, Leitão & Cia. ....	2\$000
6 homens		Quincas Teixeira .....	2\$000
Simplio Castanha & Cia. ....	2\$000	Seu Juca Pindoba .....	2\$000
Uma casa de estroinas .....	2\$000	Uma criada impagavel .....	2\$000
Um noivo de Alcandões .....	2\$000	4 homens e 2 senhoras	
7 homens		Diabo (O) atraz da porta .....	2\$000
Dois estudantes no prego .....	2\$000	Hospedarla (A) Senceról .....	2\$000
Méa hora de cynismo .....	2\$000	Má peça! .....	2\$000
1 homem e 1 senhora		Milagres de Santo Antonio .....	2\$000
Almoço (O) do homem sandwich .....	2\$000	Não tem titulo .....	2\$000
Amor por annexins .....	2\$000	5 homens e 1 senhora	
Amor trambolho .....	2\$000	Casar sem saber com quem .....	2\$000
Ao encajar das luyas .....	2\$000	Cautella com as mulheres .....	2\$000
Carnet (O) .....	2\$000	Dois (Os) Juucas .....	2\$000
Procuração (a) .....	2\$000	Dois (Os) surdos .....	2\$000
Rais maravilhosa .....	2\$000	Espada (A) do general .....	2\$000
Sinos de Corneville .....	2\$000	Medico-mania .....	2\$000
Uma prova de consideração .....	2\$000	Morrer para ter dinheiro .....	2\$000
Um truco admiravel .....	2\$000	5 homens e 2 senhoras	
1 homem e 2 senhoras		Doido por conventencia .....	2\$000
Carta a Santo Antonio .....	2\$000	5 homens e 4 senhoras	
2 homens e 1 senhora		Casamento (O) do Pindoba .....	2\$000
Bonde errado! .....	2\$000	Porto, Madéira & Collares .....	2\$000
Choro ou rio? .....	2\$000	8 homens e 1 senhora	
Conteranea (A) .....	2\$000	Maneco Pingurra .....	2\$000
Deu o pavão! .....	2\$000	COMEDIAS EM 2 ACTOS	
Eu não sou eu! .....	2\$000	Almas do outro mundo, 4 h. 2 s. ....	3\$000
Já cuvi espirrar este nariz! .....	2\$000	Casar para morrer! 2 h. e 2 s. ....	3\$000
Trinta botões .....	2\$000	Chefe (O) Politico, 6 h. e 1 s. ....	3\$000
Uma experientia! .....	2\$000	Divorcio (O), 5 h. e s. ....	3\$000
Um plano infallivel .....	2\$000	Lelé, 4 h. e 2 s. ....	3\$000
Um prego na fechadura .....	2\$000	Perdi minha mulher! (Um servo peri- goso), 3 h. e 1 s. ....	3\$000
2 homens e 2 senhoras		COMEDIAS EM 3 ACTOS	
Esposa de S. Excia. ....	2\$000	Abençoados pontapés! 7 h. e 1 s. ....	4\$000
Visconde da Rosa Branca .....	2\$000	Alegrias (As) do lar, 5 h. e 3 s. ....	6\$000
3 homens e 1 senhora		Agua molle em pedra dura... 3 h. 1 s. ....	4\$000
Apuros (Os) de Lulu .....	2\$000	Aventuras dum rapaz feio, 4 h. e 3 s. ....	4\$000
Nhó Manduca .....	2\$000	Bandeirante* (O), 6 h. e 3 s. ....	4\$000
Nolva (A) e a agua .....	2\$000	Consequencias... de Inconsequencias, 5 h. e 2 s. ....	4\$000
Que Trindade! .....	2\$000	Coração (O) não envelhece, h. e 3 s. ....	4\$000
Ramo (O) de Illazes .....	2\$000	Dar corda para se enforcar, 4 h. e 2 s. ....	4\$000
Resonar sem dormir .....	2\$000	D. Juan da Pampilhosa, h. e 2 s. ....	4\$000
Um marido que é victima das modas .....	2\$000	Os Dominós, 5 h. e 2 s. ....	4\$000
3 homens e 2 senhoras		Gaspar Cacete, 4 h. e 3 s. ....	4\$000
Dois (As) bengalas .....	2\$000	Grande (O) Hotel de Sarlhos, 8 h. e s. ....	4\$000
Na Roça .....	2\$000	Interventor (O), 7 h. e 4 s. ....	4\$000
Primeiro (O) cliente .....	2\$000		

126

BIBLIOTECA DRAMÁTICA POPULAR

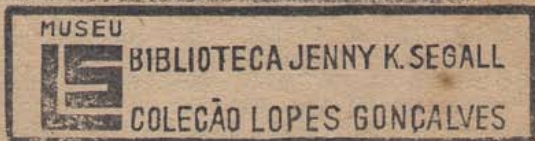
N.º 61

JOAQUIM NUNES

# Os Filhos da Canalha.

DRAMA EM 3 ATOS

(Representado com extraordinário agrado em todos os teatros  
do Brasil)



1943

LIVRARIA TEIXEIRA  
VIEIRA PONTES & CIA. — Editores  
Rua Líbero Badaró, 491

## PERSONAGENS

ALVARO — Pintor

HENRIQUE DA ROCHA FREIRE — Fazendeiro

PADRE JOSE'

ANASTACIO — Preto, escravo de Henrique

ANGELINA — Filha de Henrique

CATARINA — Criada de Henrique.

A ação passa-se em uma fazenda da Provincia do Rio de Janeiro.

Epoca — ATUALIDADE

---

---

### ATO I

O teatro representa uma sala bem mobiliada. Portas laterais e ao fundo. E' dia.

#### CENA I

CATARINA, e Depois PADRE JOSE'

CATARINA (entrando ligeiramente pela esquerda alta) — Oh! Sr.! que massada; depois que este homem acaba de jantar, torna-se insuportavel! Não me deixa só em parte alguma! Isto é de mais! Se continuar desta maneira, não estou pelos autos, e queixo-me ao sr. Henrique que o expulsará de sua casa como infame!

PADRE JOSE' (entrando pela esquerda alta. Anda sempre apoiado a um forte bengalão, como sofrendo do reumatismo. À parte, rindo-se) Eh! Eh! Até que finalmente encontrei-a! (alto) Catarina! oh! Catarina!...

CATARINA (aparte) — Ele! Oh! que aborrecimento!... (alto) O que deseja sr. Reverendo?

PADRE JOSE' — Tu já o sabes, feiticeirazinha; quero ver-te e falar-te (rindo) Eh! eh! eh!...

CATARINA — Sim? Então aqui me tem, toda inteirinha.

PADRE JOSE' — Hein?

CATARINA — Está surdo?...

PADRE JOSE' — O que dizes?

CATARINA (aparte) — Que amolador! (alto) Está surdo, repito!...

PADRE JOSE (que se tem aproximado de Catarina) —

Ah! agora ouvi distintamente! Nesta idade, minha filha, todos os defeitos são naturais.

**CATARINA** — E', é exato. O que, porém, não acho natural é o sr. padre não deixar de me amolar!

**PADRE JOSE'** — Hein?...

**CATARINA** — Quer que lhe diga uma cousa?

**PADRE JOSE'** — Diz sim, minha cabecinha de vento; diz quantas brejeirices quizeres, que o infeliz Padre José não saberá reagir contra as insolencias proferidas por esses labios... (suspirando) Ai! ai! que tanto me fascinam...

**CATARINA** — E' que não gosto nada, mesmo nada do espirito dum mascarado!

**PADRE JOSE'** — Hein?... Hein?... como é lá isso? Pois eu pareço-me com um mascarado?!...

**CATARINA** — E muito perfeitoinho.

**PADRE JOSE'** (aparte) — Oh! com mil bombas; eu mascarado! (alto) Mas, porque?... explica-te!...

**CATARINA** — Ora, porque?... Porque essa carantonha muito vermelha, esse nariz verrugento e afilado, e esse todo de aleijado, metido nesse dominó preto, mais me parece um velhusco do carnaval, dô que um sacerdote grave e sisudo! Ora aí está!

**PADRE JOSE'** (aparte) — Com um milhão de diabos!... Como está a educação moderna!... (alto voltando-se) Com que então, Catarina, achas que me pareço com um mascarado hein?... Já sei, já sei, o que tu queres é ver se eu me ofendo e me ponho ao fresco; pois olha, estás redondamente enganada. De hoje para o futuro, podes dizer-me o que quizeres, minha negra... porque eu te juro, não me incomodar mais com as tuas palavras.

**CATARINA** — Sabe que mais? vá para o diabo, não me amole!

**PADRE JOSE'** — Oh! diabrete duma figa!... Então é desta maneira que se me trata? (rindo, querendo passar-lhe as mãos pelo rosto) Eh! eh! eh!

**CATARINA** (impelindo-o) — Que é isso, sr. padre; veja que para a sua idade este procedimento é vergonhoso!...

**PADRE JOSE'** (levando as mãos aos joelhos) — Ai! ai! ai! ai!... esta mulher é os meus pecados!...

**CATARINA** — Agora, sim sr.!... Nessa atitude e com essa carantonha, é que justamente completa a semelhança que tem com um mascarado. A proposito, ao vê-lo assim todo a gemer: ouvir que os padres não sofrem de reumatismo.

**PADRE JOSE'** — Oh! travessa de uma figa! Os padres tem reumatismo, porém, não é o reumatismo que muitos julgam, percebes?

**CATARINA** — Ah! então o reumatismo dos padres é diferente do dos outros homens?

**PADRE JOSE'** — Certamente. Os outros homens apanham-no por aí... nem sei bem por onde: eu sempre fui cauteloso. Quando era rapaz, como nada tinha que fazer a não ser rezar as missas, passava a minha vida fazendo visitas às minhas comadrinhas

**CATARINA** — Ah! então o sr. reverendo tinha comadres..

**PADRE JOSE'** — Naturalmente; eu era padrinho dos filhos delas. Ora, como nas visitas às comadres e aos afilhados, apanhava muitas **molhadelas**, é por isso que vim a sofrer do reumatismo. Percebes minha espertinha?

**CATARINA** — Decididamente, sr. reverendo, se eu fosse homem, declaro-lhe que me fazia padre.

**PADRE JOSE' (rindo)** — Eh! eh! eh! devéras?...

**CATARINA** — Está visto! Haverá por ventura vida melhor?... E' impossível! A prova está no que acaba de dizer. Realmente, só os padres é que podem gozar uma vida semelhante, porque: o padre não pôde trabalhar, nem constituir família. Eis aí explicado claramente, como o viver eclesiastico — é o unico e verdadeiro paraíso.

**PADRE JOSE'** — Ego **négo** Porem **distinguo!**... A vida monastica, pelos jejuns e penitencias a que nos obriga a regra, ao contrario do que pensas, seria um verdadeiro inferno, se não fosse alguns anjinhos como tu que nos servem de amparo. Enfim, meu amorzinho, tu precisas tambem ser minha **comadrinha**, hein?...

**CATARINA (Dando-lhe uma bofetada com meiguice)** — Sim? Tome lá, esse é o pago do seu atrevimento. Isto, é para lhe provar que o mundo não está tão corrompido como julga, ouviu? Aguenta calado. Agora, quando se quizer divertir comigo, já sabe... Adeuzinho... até às uvas... **(rindo)** Ah! ah! ah! Ora o velho sem juizo! **(sae pela esquerda alta dando gargalhadas)**

## CENA II

### PADRE JOSE' (só)

**PADRE JOSE' (apalpando a face)** — Safa!... A mão desta mulher é pesada como um cepo!... Triste vida é a do padre! E consideram-nos instrumentos ignominosos, dizendo-nos a todo o momento: o padre não constitue familia, o padre é vadio. Em Portugal toca guitarra e canta o fado; aqui, é capoeira, beberrão e imoral. O padre é tudo enfim. E por cima de tudo isto... **(suspirando)** ai! ai!... ainda apanha taponas. Mas não importa, não devo dar o cavaco. Vou ainda persegui-la. Hei de por força dar-lhe uma beijoca. **(sae pela direita alta)**

## CENA III

## HENRIQUE, e Depois ANASTACIO

**HENRIQUE** (entrando pela esquerda alta) — Ora aqui está como um homem perde a cabeça; então porque?... por causa de um pintor!... Ah! maldito sejas tu! maldita seja a hora em que fiz conhecimento com semelhante quidam! O que mais me admira, porém, é aquele miserável não conhecer a sua condição, a lama donde saiu!... Um homem que não tem posição alguma na sociedade, não deve, nem mesmo tem o direito, de levantar os olhos para a filha de um fazendeiro, cuja fortuna é superior a dois mil contos de réis!...

**ANASTACIO** (entrando pelo fundo) — Meu senhor. Está aí o senhor Alvaro.

**HENRIQUE** — Bem! Manda-o entrar para esta sala! Traze-me um chicote e chama cinco dos teus parceiros. Quero castigá-lo, e depois mete-lo no tronco, como costume fazer aos meus escravos rebeldes! Vae, anda ligeiro!

**ANASTACIO** — No tronco?!... Mas meu senhor...

**HENRIQUE** — Retira-te! e cumpre fielmente as ordens de teu senhor, sob pena de apanhares trezentos açoites!

**ANASTACIO** (com bondade) — Sim, meu senhor. (Saindo pelo fundo, e dizendo áparte.) E' muito cruel este meu senhor! Quer castigar de um modo bem atroz um moço tão distinto! Pobre homem! (Sae pelo fundo.)

## CENA IV

## HENRIQUE, e Depois ANASTACIO

**HENRIQUE** (só e triste, sentando-se em um canapé) — Ah! Angelina!... não tiveste pejo de ontem me dizeres: Eu amo, meu pai!... mas não é o filho do Visconde do Vale, nem outro de igual categoria; amo Alvaro, o artista... Não tiveste pejo, Angelina... não reparaste que me afligias horrivelmente!... (Levantando-se exasperado.) Pois bem!... será mais facil pôr termo à minha existencia do que consentir no casamento de minha filha com um homem de posição tão mesquinha!... Mas porque será que de dia para dia eu a vejo ficar mais palida e pensativa?... Às vezes parece-me até uma douda?... Quem sabe se tudo isto é devido ao muito amôr que ela lhe consagra?... Pois seria possivel que esse desgraçado seja o causador da molestia de minha filha?!... Sem duvida, patife, pretendes obstar que ela seja algum dia, Viscondessa!?... Mas tranquilisa-te pobre-tão, tranquilisa-te miserrimo pintor: não será a unica herdeira

de Henrique da Rocha Freire, que te leve — dois mil contos de réis!... (Parando depois de passear pensativo pela cena, fazendo gestos de impaciência.) E se ela morrer!... Desconfio que esteja com alguns princípios de tísica... Aquela tosse... Porém... o medico sempre me néga...

**ANASTACIO (entrando pelo fundo)** — Ah! meu senhor! eu mandei entrar o sr. Alvaro e chamei logo os outros parceiros, mas ele vendo esta minha precaução, disse que voltava à casa porque lhe tinha esquecido uma cousa! Eu então quiz prendê-lo, mas os meus braços não tiveram forças para segurar um homem tão vigoroso: escapou-se das mãos e fugiu!

**HENRIQUE (apertando-lhe o braço com força)** — Ah! escravo de pau!... pois tu não tens forças nestes braços?

**ANASTACIO (com bondade)** — Oh! meu senhor!...

**HENRIQUE (largando o braço)** — Pois bem!... Visto que não o seguraste, serás amanhã posto doze horas no tronco!

**ANASTACIO** — Sim, meu senhor. (Saindo pelo fundo e dizendo á parte) Socegue, meu senhor, socegue! Enquanto o velho Anastacio viver o sr. Alvaro não será desfeitoado por causa de Sinhazinha! (Sae pelo fundo).

#### CENA V

**HENRIQUE (só)** — Ah! o quanto ele é covarde! Bem mostra o que é! Em todo o caso não o castiguei é verdade, mas tambem fico certo que não voltará! Só assim é que minha filha será esposa de um Visconde rico e não de um estúpido pintor... pobre! Agora Angelina, dora-avante não és mais senhora da tua vontade!... (Sae pelo fundo).

#### CENA VI

#### ANGELINA, e depois PADRE JOSE'

**ANGELINA (Entrando pela esquerda baixa pausadamente, reparando na cena. Tem uns pequenos acesos de fosse.)**

Ainda não chegou! Infeliz Alvaro! Diversas cenas irão succeder às que até aqui se tem dado. Meu pai, com o genio que tem, vai de certo maltratá-lo. Ah! eu temo a luta; será renhida. Alvaro sendo como é, um carater altamente nobre, repelirá sem duvida, as suas insolencias!... Oh! realmente tenho muito medo deste encontro. Entretanto não posso evitá-lo!

**PADRE JOSE' (na porta da direita alta. Vendo Angelina)** — Oh! linda Catari... (A' parte: reconhecendo-a.) Oh! dia-bo! é a pequena!...

**ANGELINA (voltando-se)** — Bom dia, sr. Padre José.



**PADRE JOSE'** — Bom dia, Angelinzinha! (**A' parte**) Tomo já uma descompustura; este demonio não gosta de padres. (**Alto.**) Os meus parabens... os meus parabens...

**ANGELINA** — Porque me felicita sr. Padre?

**PADRE JOSE'** — Ora porquê?!... pelo seu proximo casamento (**rindo**) Eh! eh! eh! julgava que eu não o sabia, hein?...

**ANGELINA** — Oh!... foi meu pai quem lho contou?

**PADRE JOSE'** — Foi sim, não há ainda meia hora. E a escolha que fez? sim senhor, realmente, teve gosto. E' moço bonito, inteligente e cavalheiro distinto (**á parte**) Não há remedio senão lisongear-la a ver se os caso...

**ANGELINA** — Obrigada, sr. Padre José. Diga-me: sabe se é do gosto de meu pai?...

**PADRE JOSE'** — Parece-me que... por enquanto não... mas com geito... tudo se arranjará. Não sabe como diz o poeta, relativamente ao geito?

**ANGELINA** — Já li, mas não me lembro agora, sr. Padre.

**PADRE JOSE'** — Pois eu lhe recordo. Lá vai!

(**recitando**) "Com geito se leva o mundo.  
"De tudo o geito é capaz  
"O caso é ageitar-se o geito  
"Como muita gente faz".

**ANGELINA** — Isso é uma verdade, sr. Padre José.

**PADRE JOSE'** — Bem. Nesse caso, tenha isto na lembrança e será vencedora... Até logo, hein? Vou orar... que ainda hoje não fiz a oração do costume (**Como vendo alguém fóra da cena — suspirando**) Ai! ai!... Oh! Catarina! Catarina! (**Quer andar depressa, mas sentindo dores nos joelhos leva a estes as mãos**) Ai! ai! ai! muito padece quem ama! (**sae pelo fundo**)

#### CENA VI

#### ANGELINA e HENRIQUE

**ANGELINA** (**que tem estado pensativa**) — Quanto eu seria ditosa, realizando este meu sonho! Como eu adoraria meu pai, se ele atendesse aos meus rogos!... Infeliz daquela que tiver um pai como eu!

**HENRIQUE** (**entrando pelo fundo e á parte, vendo Angelina**) — Parece um cadaver! (**alto**) Então Angelina, andas esparecendo, não é assim?

**ANGELINA** — Não meu querido pai, vinha aqui... sim... justamente para esporecer um pouco.

**HENRIQUE** — Tu hesitaste, Angelina.

**ANGELINA** — Não há tal; isso é o que pareceu a meu pai.

**HENRIQUE** — Pareceu-me, hein? Talvez... E se eu te disser que não vieste para esse fim?

**ANGELINA** — Adivinhou meu pai, não vim realmente aqui para esse fim.

**HENRIQUE** — Já vês, pois, que enganar a um pai e principalmente nas minhas condições, é impossível... Tu vinhas na persuasão...

**ANGELINA (interrompendo-o)** — De encontrar Alvaro.

**HENRIQUE** — Oh! mas isto é de mais! Pois tu, Angelina, tu, filha de um dos mais ricos fazendeiros, não terás nojo, não terás mesmo repugnancia de pronunciar esse nome?... E's uma criança desobediente... principio a desgostar-me de ti.

**ANGELINA** — Não sei o que possa haver de repugnante, em amar um pintor! Acaso essa arte divina não será uma das mais distintas?!... Diga-me: seja franco! Não é ele um moço inteligente, honesto e honrado?...

**HENRIQUE** — Cala-te, Angelina! Não me exacerbes o espirito! Repara que a tua posição não permite que te cases com um pintor!...

**ANGELINA** — Que importa?... Não se tem visto senhoras titulares, casarem com homens da mais infima classe?...

**HENRIQUE** — E tu dás credito a um erro que o mundo aplaude, não é assim?...

**ANGELINA** — Erro?... Contesto!... Erro não, meu pai!... São tão livres as exigencias do coração, como a meu vêr, são livres as ideias do homem!... Que importa, repito ainda, a posição da criatura para um caso destes?!... Não vacile; responde-me meu pai!...

**HENRIQUE (depois de olha-la com atenção)** — Pelo que vejo, é inteiramente impossível fazer-te renunciar ao amor que lhe tens?!...

**ANGELINA** — Impossível! E' um artista e pobre é verdade, mas isso não o desdoura! Tem tudo o que a educação moderna, exige, portanto repetirei sempre: — é muito digno do meu amor!...

**HENRIQUE** — Angelina!...E' homem honrado, mas não tem riqueza nem titulos que o recomendem!...

**ANGELINA** — Isso não é proprio dum homem do seculo atual... Essa doutrina é erronea, pessima e desprezível! Meu pai!... Não é a riqueza nem os titulos que fazem a felicidade da criatura! E a prova é que, em geral, o pobre vive mais tranquilo e satisfeito que o proprio rico, apesar de toda sua opu-

lencia! E eu, meu pai, eu só almejo a tranquilidade do meu espirito, para assim atravessar feliz tão curta existencia...

**HENRIQUE** — Nesse caso Angelina, confesso desde já, que nunca chegarás ao gozo dessa felicidade que ambicionas, porque à força das minhas instancias, serás esposa de Pedro, o filho do Visconde do Vale!...

**ANGELINA** — Nunca!... Nesse ponto não há quem me possa obrigar!!... E de mais... desculpe a minha franqueza: — meu pai não sabe educar filhos!!...

**HENRIQUE** — Tu insultas-me, Angelina!...

**ANGELINA** — Eu?... Eu não posso nunca insultar um pai; apenas sou contra o erro em que a sociedade labora!

**HENRIQUE** — Mas como?!... explica-te... Como é que não sei educar filhos?!...

**ANGELINA** — Porque quer forçá-los a trilhar um caminho errado!

**HENRIQUE** — Um caminho errado!... Prova-mo!...

**ANGELINA** — Nada mais facil! Meu pai impondo-me que case contra a minha vontade, obriga-me mais tarde a despresar talvez meu marido! E é por causa dessas rudes doutrinas, que muitas infelizes são apontadas por esse mundo, como adúlteras!... Mas nunca o serei eu, porque declaro terminantemente: — não me casarei com outro homem!...

**HENRIQUE (ameaçando-a)** — Pois bem!... Ou tu, serás esposa de Pedro, ou então morrerás solteira!... Jámais um artista!... Um pintor!... desposará a filha de um homem rico, como eu sou!...

**ANGELINA** — Muito bem!... Está acabada a discussão!... Não continuo, visto que meu pai não tardará a dizer-me: — Pouco me importa que minha filha aumente o numero das mulheres perdidas, contanto que primeiro se case, com o homem escolhido por mim. Muito bem! Este ato é proprio de meu pai!...

**HENRIQUE** — Angelina!... Se assim prossegues, acabo por meter-te em um convento!...

**ANGELINA** — Quando quizer, meu pai!... Estou disposta a tudo! Viver sem ser esposa de Alvaro, só aceito duas cousas: — a morte ou este degredo infame com que acaba de ameaçar-me!... (dirige-se para a esquerda, como para sair).

**HENRIQUE (Fazendo-a voltar brutalmente)** — Ouve ainda!... Tu irás para o convento, mas aquele desgraçado, não terá oito dias de vida! Hei-de matá-lo!...

**ANGELINA** — Não póde!... porque os homens sensatos doutras épocas, estabeleceram uma lei, e esta lei chama-se: — Justiça!... (sae pela esquerda baixa)

## CENA VIII

## HENRIQUE, e depois ANASTACIO

**HENRIQUE** — Ah! ela ameaça-me com a Justiça?!... Enganas-te! Eu te mostrarei o pouco caso que faço dela!... dessa fazenda que muito barata se vende!... Um punhado de ouro, é bastante para comprá-la!...

**ANASTACIO** (Entrando pelo fundo com uma carta na mão) Meu senhor. Está aqui esta carta que manda o senhor doutor.

**HENRIQUE** (Tomando a carta dizendo como para si com admiração) — Do dr. Miguel?... Enfim, seja o que for. Dissimulemos para ver se descubro alguma cousa. (alto) Dize-me: tens sido portador de cartas ou recados do sr. Alvaro para a tua sinhazinha?

**ANASTACIO** — Não, meu senhor. Eu não tenho trazido nada.

**HENRIQUE** — Nem nunca os encontrei de noite, a conversar um com o outro?

**ANASTACIO** — Nunca, meu senhor.

**HENRIQUE** — Bem; podes retirar-te.

**ANASTACIO** — Sim, meu senhor. (saindo pelo fundo e dizendo á parte) Ah... meu senhor quer apanhá-lo aqui? Engana-se! O pobre Anastacio será todo vigilante. (sae)

## CENA IX

## HENRIQUE (só) depois PADRE JOSE'

**HENRIQUE** (abrindo a carta) — Vejamos o que me diz o dr. Miguel. (lendo) Sr. Henrique. Não me sendo possível hoje falar-lhe, na ocasião em que fizemos a conferência à sra. sua filha, mesmo para não despertar nela qualquer desconfiança, é o motivo porque resolvi escrever-lhe aconselhando-o a que, case a menina o mais breve possível; sob pena de passar pelo desgosto de a ver sucumbir dentro em pouco tempo. — (declamando) Oh! mas então perde-se de um momento para o outro uma unica filha?... E quem herdará toda a minha fortuna, se não tenho mais filhos nem parentes?!... Oh! não! não importa!... Perco-a sim!... perco minha filha, mas nunca, um pintor será o possuidor de dois mil contos de réis!... E foi ele!... foi aquele biltre o assassino de minha filha!... Ah! Eu te asseguro, desgraçado, que saberei vingar-me!...

**PADRE JOSE'** (entrando pelo fundo, como procurando alguém) — Maldita Catarina... (Vendo Henrique.) Deus esteja contigo, Henrique!

**HENRIQUE** — Olá, padre José, da maneira que eu vivo, parece-me que estou com o diabo.

**PADRE JOSE'** — Olha, filho, sabes o que é?... Creio que tua mulher antes de morrer, prometeu uma missa às almas, e não cumpriu a promessa. Portanto, com cinco mil réis, livras-te desse pecado que te aflige. Dá cá os cinco mil réis, vou dizer a missa.

**HENRIQUE** — Qual missa, Padre José! Não me fales nisso; minha mulher nunca padeceu de semelhante mania!

**PADRE JOSE'** (áparte) — Diabo! Não pegaram as bichas!

**HENRIQUE** — A questão principal, amigo Padre, é que minha filha, segundo me diz o Dr. Miguel nesta carta, está prestes a sucumbir.

**PADRE JOSE'** (áparte) — Caramba! Isso então ainda rende mais! Enterro pomposo!... (Alto) Oh! como assim, Henrique?... fala, fala depressa!...

**HENRIQUE** — Por causa daquele desgraçado e funesto amor!

**PADRE JOSE'** — Pois casa-a, filho, casa-a quanto antes!

**HENRIQUE** — Que dizes, Padre?... Pois não sabes que é um artista?!...

**PADRE JOSE'** (áparte) — Ai! ai! ai! que está tudo perdido!... (Alto) Já sei. Mas ele é bom rapaz, tem talento, ilustração e isso é o que serve, (áparte) Não há remedio senão fazer pela vida.

**HENRIQUE** — Mas do que me serve ter um genro dessa ordem se não tem posição nem dinheiro?!...

**PADRE JOSE'** — Por isso mesmo, amigo Henrique. Era uma ação nobre, uma ação de bom cristão, uma ação digna de nomeada popular.

**HENRIQUE** — Não digas blasfemias, padre! Eu quero para minha filha: títulos, dinheiro e grandeza!

**PADRE JOSE'** — Oh! Virgem Nossa Senhora, S. Pedro, S. Paulo e todos os santos da corte do céu!... Isso é que são horrosas blasfemias!... Isso que dizes, é até um pecado, um pecado que só se paga nas trevas do limbo ou nas caldeiras de Pedro Botelho.

**HENRIQUE** (áparte) Maldito massador! (alto) Sabes que mais?... vai-te para o diabo com todos os teus pecados! não creio em nada disso!

**PADRE JOSE'** (áparte) — Lá se vai tudo quanto Marta fiou! (alto) Não crês? Deixa estar, que quando te confessares, dar-te-ei por penitencia — andar de joelhos cinco vezes em redor da igreja e de joelhos nus!... Pois qual é o pai que não consente no casamento de sua filha com o escolhido do seu coração!?... Ah! ei-la aí, Tratem disso, porque no domingo

proximo, já quero ler os proclamas.

**HENRIQUE** — Bem; tratarei com brevidade, deste negocio!

**PADRE JOSE'** — Fazes muito bem, meu Henrique, Deus te pagará tudo isso no céu!...

**HENRIQUE** (*á parte*) — E a dar-lhe!... (*alto*) Qual céu, nem meio céu, Padre José! Não me venhas mais com recompensas celestes!...

**PADRE JOSE'** — Safa!... Se o mundo cristão se compo-  
sesse de gente deste quilate, o clero tinha que quebrar pedra  
e por nas portas das igrejas — **Aluga-se...** (*Sae pelo fundo*).

## CENA X

### HENRIQUE e ANGELINA

**HENRIQUE** (*indo ao encontro de Angelina, que entra pela esquerda baixa*) — Então, já tomaste o teu remedio?...

**ANGELINA** — Já, meu pai.

**HENRIQUE** — Pelo que vejo estás zangada comigo, não?...  
Odeias-me, talvez?

**ANGELINA** — Não, meu pai, no estado em que me acho  
de saude não posso odiar ninguém.

**HENRIQUE** — Nem mesmo porque eu te disse que ia as-  
sassinhar o teu Alvaro?

**ANGELINA** — Não senhor. Aquilo foi dito no ato de exas-  
peração, portanto não tem nenhum valor.

**HENRIQUE** — Foi sim, minha filha; nunca dês credito  
de palavras que eu proferir nos momentos de desespero. Mu-  
dando de assunto; sabes? Acabo de receber uma carta do  
dr. Miguel, na qual me promete, dentro em pouco tempo, livrar-  
te dessa maldita molestia.

**ANGELINA** — Meu pai... O dr. Miguel é muito bom me-  
dico, porém desta vez errou completamente. Garanto-lhe, que  
pouco tempo me resta de vida.

**HENRIQUE** — Não fales assim, Angelina. Sé corajosa!  
Não pensees em morrer.

**ANGELINA** — Ah! descanse; não é preciso recomendar-  
me! Coragem, eu tenho bastante.

**HENRIQUE** — Fazes muito bem. A coragem é util a to-  
das as pessoas enfermas. (*á parte*) Experimentemos qual é a sua  
ultima decisão. (*alto*) Então... que me dizes a respeito de Al-  
varo?

**ANGELINA** — A que proposito?

**HENRIQUE** — Ainda o amas?

**ANGELINA** — Ainda, e sempre!

- HENRIQUE** — Não mudas de resolução?
- ANGELINA** — Não senhor; juro que o amarei até ao ultimo momento da minha vida!
- HENRIQUE** — Reflete bem... Vê se dizes a verdade...
- ANGELINA** — Juro-o pela minha honra.
- HENRIQUE** — Tens definitiva certeza de nunca mudar dessas idéias...
- ANGELINA** — Tenho.
- HENRIQUE** — Nesse caso... (depois de longa pausa) logo! (saindo pela direita alta, dizendo áparte) Hás-de arrependertel...

## CENA XI

**ANGELINA, JADRE JOSE' e CATARINA** que passam ao fundo, da esquerda para a direita

- CATARINA** (apressada) — Deixe-me. Vá para o diabo!
- PADRE JOSE'** (apressado) — Espera, oh! Catarina! Espera feiticeira de uma figa! Chega para cá!... (desaparecem, e ouve-se um ruído como que a queda de um homem) ai! ai! ai!... maldita mulher!...

## CENA XII

**ANGELINA, e logo depois ANASTACIO**

- ANGELINA** — Oh! sim! Repetirei mil vezes, se preciso for — amar não é crime; portanto, amá-lo-ei sempre! sempre!
- ANASTACIO** (entrando pelo fundo com uma carta, que entrega a Angelina) — Sinházinha, está aqui esta carta do filho do senhor visconde. Disse que era a ultima que escrevia à sinhazinha.

**ANGELINA** (colocando a carta sobre a mesa) — Anastacio, diz-me mais uma vez a esse senhor, que eu nunca o pude amar, porque meu coração pertencia a outro, e presentemente pertence à fria sepultura!

**ANASTACIO** — Querida sinházinha! Não desanime tanto... Seja mais alegre e corajosa... Não faça rebentar de novo as lagrimas do seu preto, daquele que quasi a criou, daquele pobre escravo que andava sempre com a sinházinha ao colo, e que a estima muito... muito... Tanto como um pai! (chorando) Oh! eu sinto que o meu coração estala ao vê-la sofrer tanto!

**ANGELINA** (acariciando-o) — Que é isso, meu amigo? Tu choras, Anastacio?... Infeliz criatura!... como me estimas! Mas eu prometo, que, antes de morrer, te recompensarei!

**ANASTACIO (ainda chorando)** — Eu não queria dinheiro, nem mesmo a minha liberdade! Ser escravo de gente como a Sinházinha, a vida é melhor que ser livre! Eu queria que visse! queria antes um coração, um anjinho que me falasse sempre assim: com tanto amor, tanto carinho! Ah! se a Sinházinha morrer eu sucumbirei também!

**ANGELINA** — Meu bom Anastacio! Bem conheço a amizade que me tens! Não chores que me entristeces muito! Eu não morro ainda! Vai, vai dar o recado ao filho do senhor visconde, anda, não te demores!

**ANASTACIO (saindo)** — Sim, minha Sinházinha, eu não me demorarei! (sae pelo fundo.)

## CENA XIII

## ANGELINA (só)

**ANGELINA (contemplando a carta)** — Infeliz moço! Amame e eu não posso absolutamente corresponder-lhe! Vejamos o que diz! (lendo) Senhora: há já bastante tempo que tenho a honra de escrever-lhe, patenteando desatinadamente o meu louco amor, e sem nunca ter a ventura de obter uma simples resposta de v. exci<sup>ta</sup>!... Não podendo sofrer por mais tempo a sua indiferença de gelo, partirei amanhã para a Côrte, onde tenciono residir alguns anos, com o fim unico de ver se consigo esquecer este amor fatal que me entrou no coração. Adeus pois, seja feliz, e nunca possa amaldiçoar o infeliz que muito a amou. Peço-lhe, como ultimo favor, que destrua as minhas cartas... Adeus!... (declamando) Talvez que nada disso se realice. Sem duvida, antes de partir, terá a noticia da minha morte!... (como sentindo-se oprimida e tossindo excessivamente) Ai! sinto-me mal! muito mal! Queria descansar um pouco, mas não posso. A minha idéia só está em Alvaro... Eu queria vê-lo... queria procurá-lo por toda a parte... Percorrer este mundo... essas alegres campinas... até encontrá-lo e dizer-lhe: — Alvaro, não nos apartemos mais! Fiquemos unidos para sempre!... sempre, até a campa!... Ah! hei-de vê-lo ao menos, no cimo da montanha!... no mesmo lugar onde costuma acenar-me com o lenço! (sai vagarosamente pela direita alta)

## CENA XIV

## CATARINA, HENRIQUE e PADRE JOSE'

**CATARINA (entrando apressadamente pelo fundo)** — Que maldito homem! não há meio de escapar-lhe!...



**HENRIQUE** (entrando pela direita alta) — Catarina?

**CATARINA** (assustada) — Senhor!

**HENRIQUE** — Ando a tua procura.

**PADRE JOSE'** (entrando apressadamente pelo fundo) — Vem cá, oh!... (áparte, vendo Henrique) — Oh! diabo!

**HENRIQUE** (a Catarina) — Diz-me uma cousa... (Falam baixo.)

**PADRE JOSE'** (querendo sair cautelosamente, esbarrando-se com uma cadeira ao fundo e sentindo dores nos joelhos) — Ai! ai! ai! maldito reumatismo!

**HENRIQUE** (a padre José) — Que foi, Padre José?

**PADRE JOSE'** — Não é nada, é que... (áparte) Estou apertado! (alto) estive muito tempo fazendo oração... e o maldito reumatismo atacou-me com mais violência! (sentindo dores) Ai! ai! ai!...

**HENRIQUE** — Pois então, passeia que te faz bem.

**PADRE JOSE'** — Aceito o conselho. (áparte) Safa! Se ele viesse mais tarde apanhava-me...! (suspirando) Ai! ai!... Deixa estar, minha lambisgoia, tu m'as pagarás. (Sae pelo fundo).

## CENA XV

### HENRIQUE e CATARINA

**HENRIQUE** — Catarina; exijo que me digas toda a verdade. O caso de que se trata é de suma importancia. Tu deves saber alguma cousa dos amores de Alvaro e Angelina!

**CATARINA** — Não senhor; apenas sei que se amam.

**HENRIQUE** — Como e de que maneira o sabes?...

**CATARINA** — Porque ela m'o contou.

**HENRIQUE** — Correspondem-se mutuamente?

**CATARINA** — Sim, senhor.

**HENRIQUE** — Disseram-me que ele vinha alta noite falar-lhe e que tu os protegias nessas entrevistas!...

**CATARINA** (assustada, depois de breve pausa) — Não, senhor... Isso é falso!

**HENRIQUE** (áparte) — Ah! ela assustou-se!... Sem duvida é medianeira daquelle patife! (alto) Catarina!... tu tu mentes!...

**CATARINA** — Não senhor!

**HENRIQUE** — Mentas, repito... Não negues, porque eu sei tudo!... Vamos, confessa a verdade, que é para bem dele e de tua ama!

**CATARINA** — Mas, senhor; promete realmente não lhes fazer mal?

**HENRIQUE** — Prometo..

**CATARINA** — Pois é verdade! O sr. Alvaro vem quasi todas as noites falar-lhe na sacada.

**HENRIQUE** — Maldição!... Vir na minha ausencia, alta noite, seduzir minha filha!... (*pegando com força nas mãos de Catarina*) — Diz-me! Fala a verdade, senão... Angelina... a minha filha está deshonrada, não é assim?...

**CATARINA** — Oh! não senhor!... não pense em tal!

**HENRIQUE** — Mentas!... Leio-te nos olhos que me ocultas esse crime!...

**CATARINA** — Creia-me, senhor, eu não minto!...

**HENRIQUE** — Mentas, repito! Eu sei que mentas, Catarina!

**CATARINA** — Senhor!... eu sou uma pobre criada de servir, mas não sei mentir, principalmente quando se trata de assuntos tão melindrosos! Sua filha, senhor, é uma menina honesta!...

**HENRIQUE** — Bem! creio nessa tua franqueza, porque vejo que é a expressão da verdade; porém, ela desobedeceu-me, e nesse caso, não vê a distancia que os separa!... Enfim, estou mais tranquilo! Pódes retirar-te. Proibo-te, expressamente que a alguém relates o que entre nós se passou!

**CATARINA** — Eu lh'o prometo, senhor. Nada direi (*sae pela esquerda alta.*)

## CENA XVI

### HENRIQUE e logo depois ALVARO

**HENRIQUE** — Canalha!... Abusar assim da minha boa fé! Entrar aqui às ocultas para seduzir minha filha!... Deixa estar, que no primeiro encontro que tivermos, te mostrarei como um opulento sabe marcar a chicote, as faces de um plebeu!... Que nojo!... que aversão, que odio mortal eu tenho a esses imbecis, a esses que pertencem à detestavel pobreza!... Ah! Se a plebe toda fosse uma só criatura — eu ou ela, havia de succumbir!... Sim!... eu de um só golpe destruiria esses filhos da canalha!...

**ALVARO** (*entrando pelo fundo, ouvindo as ultimas palavras de Henrique, áparte*) — Ocupa-se de mim. Ainda bem, (*alto, curvando-se*) — Sr. Henrique...

**HENRIQUE** — Que!... O senhor, aqui!... em minha casa?!...

**ALVARO** — Perdão senhor! Ignoro qual seja o meu crime, para que essa exclamação possa ter lugar. Entretanto, eu não venho aqui para discutir. Venho sómente dizer-lhe o seguinte: — Se quando há pouco, me mandou prender pelos seus es-

cravos, para castigar-me, eu me retirei, não foi certamente, por temor que o seu chicote me viesse macular as faces: não! Alvaro, o pobre em tudo, menos em honra, nunca foi um covarde! Soube sempre repelir com dignidade os insultos que lhe atiram! Se fugi, senhor, foi para fazer a vontade a um amigo que muito prezo!

**HENRIQUE** — Pois que?!... Os seus amigos, sabem já das relações amorosas, que o senhor tem com minha filha?!...

**ALVARO** — Não senhor, é um só. Este mesmo, é o seu escravo Anastacio!

**HENRIQUE** — O meu escravo?! Pois o senhor, tem por amigo um escravo? (rindo) Ah! ah! a plebe é mesmo assim!...

**ALVARO** — O sr. Henrique disse tudo. A plebe é mesmo assim. A plebe não nega a sua mão ao homem honesto e talentoso. A plebe nobilita-se pelo trabalho honrado e independente. A plebe, finalmente, não distingue posições nem cores, só distingue qualidades. Agora, sr. Henrique, nada mais tenho a dizer-lhe. Retiro-me, pedindo-lhe um unico favor, um só, o qual espero fazer-me, que é: nem ao menos repreender o bom Anastacio. Consinta, pois, que me retire. Adeus, senhor! (vai para sair)

**HENRIQUE** — Alto lá! Então o senhor julga sair impunemente desta casa?!...

**ALVARO** — Não me julgo criminoso: portanto, não receio castigo algum, a não ser vitimado injustamente, pelos seus nefandos designios.

**HENRIQUE** — Não é criminoso?!... Pois esquece-se de que se tem introduzido alta noite em minha casa com o fim de seduzir minha filha?!

**ALVARO** — Perdão, senhor! Isso não é crime! E' apenas uma falta da qual peço desculpa!

**HENRIQUE** — Não o desculparei nunca, senhor!...

**ALVARO** — Pois se não tem desculpa, isso a que o senhor chama um crime, aqui me tem!... entregue-me à justiça!...

**HENRIQUE** — Justiça!... Justiça costume eu fazer por minhas mãos!

**ALVARO** — Isso é que não póde!...

**HENRIQUE** — Não posso?!... Pois eu te mostrarei já, infame!... (vai para sair pelo fundo)

**ALVARO** (impedindo-lhe a passagem) — Perdão senhor, vai sem duvida chamar os seus escravos para que me assassinem covardemente?... pois engana-se! O unico que sairá daqui — serei eu!...

**HENRIQUE** — Sairás sim, mas só depois de morto, canalha!

**ALVARO** — Sr. Henrique! Peço que não repita essa palavra, do contrario, não responderei por mim!...

**HENRIQUE** — Quem és tu, para que assim julgues ame-drontar-me, miseravel!...

**ALVARO** — Sou um cordeiro, transformado em leão, que quer livrar-se das garras malditas de um tigre que o pretende despedaçar! Sou um homem humilhado, insultado, que precisa repelir os insultos covardes que lhe arroja às faces um vil opulento! Finalmente, senhor, — é insulto por insulto, violencia por violencia!... (dá uma bofetada na face de Henrique)

**HENRIQUE** — Ah!...

**ALVARO** — Eis aí como procedem os filhos da canalha!

**HENRIQUE** — Um duelo!...

**ALVARO** — Sim!... Um de nós deve morrer!...

**HENRIQUE** — Eu não me bato com vilões — amigos dos meus escravos!...

**ALVARO** — Eis aí... a desculpa dos miseraveis!... E' a mais plena significação da covardia! covardia infame da falsa e execranda opulencia!... (sae pelo fundo)

**HENRIQUE** — Deixa estar que nós nos encontraremos!...

FIM DO PRIMEIRO ATO

## ATO II

O teatro representa uma sala bem mobiliada, contendo uma mesa redonda no centro com cadeiras, à roda; portas laterais, à esquerda alta e baixa, na direita alta e fundo. À direita, baixa amplas sacadas que deitam para uma floresta sombria. E' ao anoitecer.

CENA I

PADRE JOSE' e CATARINA

Padre José, dorme recostado ao espaldar de uma cadeira, junto à mesa redonda, tendo sobre esta o serviço desarrumado de um belo jantar. Caído pela sala, está o chapéu e bengalão do padre).

**CATARINA** (na porta da esquerda) — Chi! ainda doreme aquela esponja. Pois deixa-lo dormir, não o acordo. (sae).

CENA II

PADRE JOSE' e depois CATARINA

**PADRE JOSE'** — Oh! com um milhão de diabos! e não cai na raposeira! Safa! já é noite! (vai cambaleando à sacada e examina os astros) Não há duvida!... Hei de ver-me atrapalhado para chegar até à casa. Hein? pareceu-me ouvir a voz de Catarina! (suspirando) Ai! ai!... aquela pequena é os meus pecados!... Eu, porém, não desisto dos meus inten-

tos... e para conseguí-los... tenho uma idéia... Hoje hei de dar-lhe um abraço e uma beijoca por bem ou à força. Espere-remos. Entretanto bebamos mais um trago, à saúde da brejeirinha! (bebe) Mais este à saúde do dégas!... (bebe) Agora mais um, pelo amigo Henrique... (bebe) E por falar nele, porque seria que não quiz jantar hoje? Ora que me importa. (bebendo) Ainda à tua saúde, meu bom Henrique!... levantando-se) Realmente é um bom homem este Henrique... Quasi me sustenta, o que não é lá qualquer cousa; porque a respeito de garfo e copo... psio! peço meças... Que diabo é listo? Sinto-me, tristonho. Nada de tristeza, quero ficar alegre! Quero me lembrar do meu tempo!... Vou cantar uma modinha... Que há de ser... Ah! (dança, e canta uma quadra lundú. Cai numa cadeira junto à mesa e fica adormecido, canfrolando ainda e pronunciando o nome de Catarina)

**CATARINA** (Trazendo luz. Na porta da esquerda alta) — Oh! que homem detestavel! (entrando e chamando) Oh! Sr. Padre José! Sr. Padre José?... (consigo) Qual! Não há meios de acordar! Este filante de jantares não se farta de amolar-me! Enfim, enquanto ronca é melhor arrumarmos a mesa (tira todo o serviço de jantar para fóra da cena) Ora aqui está; não há vida melhor do que a deste tipo. Não trabalha e ganha muito. O unico serviço que têm é fazer tregeitos com o corpo no altar e dizer à tôa cousas que ninguem entende. Que massada!... este beberrão não acorda e eu preciso dormir. (chamando) Oh sr. Padre José!... Sr. Padre José?!... Ah! sim?... vou dar-lhe um piparote no focinho. (dá-lhe) Oh Sr. Padre José!... (chamando de novo) Oh roupeta de uma figa!?... Acorde!...

**PADRE JOSE'** (acordando) — Hein?... queres uma corda?... Ah... lá vai a idéia... (sorrindo-se e dando-lhe um abraço repentinamente) Ah! minha ladrona!... dei-te ou não, um abraço, hein?... sua velhaca?... E se duvidas... (quer dar-lhe outro abraço).

**CATARINA** (arremessando-o na cadeira) — Eu já lhe disse que não gostava de brincadeiras!...

**PADRE JOSE'** (levando as mãos aos joelhos) — Ai! ai! ai!... Os diabos te carreguem!... Espera, espera que eu te curo!...

**CATARINA** — Vá, vá, meta a viola no saco e ponha-se ao fresco, que já são horas.

**PADRE JOSE'** — Espera, que hás de gramar duas bengaladas, minha serigaita!... (querendo apahhar o bengalão e caindo tonto pela bebida) Oh! com a breca!... E não cai?!... E'... eu caí!...

**CATARINA** — Bravo!... Como está hoje alegre e espirituoso!

**PADRE JOSE' (furioso)** — Vai-te para o diabo! (levanta-se a custo levando às mãos aos joelhos) Ai! ai! ai! ai!...

**CATARINA** — Sim senhor; muito bem; é um verdadeiro palhaço!

**PADRE JOSE' (levantando o bengalão como quem quer espancar)** — Ah! eu sou um palhaço, hein?!... Espera, espera que eu te sóvo já o costado, tagarela de todos os diabos!...

**CATARINA** — Boas!... Olhe, não se demore muito, Adeusinho, hein?... E' tarde, e o seu companheiro... o cavalo... espera-o impaciente... (rindo) Ah! ah! ah!... De hoje em diante tenha mais juízo que é proprio da sua idade!... (rindo) Ah! ah! ah!...

**PADRE JOSE'** — Espera... eu te mostro se tenho ou não juízo!... Espera que te quebro essas costelas!... **corre, querendo espancar Catarina).**

**CATARINA (rindo)** — Ah! ah! ah!... (sae e fecha a porta repentinamente).

### CENA III

#### PADRE JOSE' (só)

**PADRE JOSE' (caindo)** — Ai! ai! ai!... Com um milhão de diabos!... Deixa estar que um dia hei de apanhar-te, bruxa do inferno!... Ah! maldito reumatismo!... Não há remedio!... Vamos para casa... (lembrando-se) Oh! com satanaz... Então não me ia esquecendo o zimbório?! (vai apanhar o chapéu e cambaleia) Mau! mau!... parece que vou outra vez de ventas ao chão! Com mil raios, estou hoje caipora! (apanha o chapéu a custo com o bengalão) Apanhei-te, cavaquinho! Ah... tudo me persegue... E' o reumatismo por um lado, a cabeça viajando à roda do mundo, e a maldita Catarina... (suspirando profundamente) Ai! ai!... tudo é contra mim (quer caminhar e não póde) Mau! mau! agora parece que estou pregado! (caminhando) Ah! até que finalmente! Mas isto é o diabo! Dançando desta maneira esmurro as bitaculas nos degraus da escada... Ah! quem me dera aqui o meu burro! Enfim, vamos a vêr... (vai para sair pela sacada) Oh! com os diabos! eu já nem sei por onde é a saída... (examinando) Ah! é por ali... (suspirando) Ai! ai! Catarina!... Addio Addio fanciula mia! Addi... Sabes que mais... vai para o diabo que te carregue... (sai pelo fundo).

### CENA IV

#### CATARINA e ANGELINA

(Ambas entram pela esquerda baixa receiosas de serem presentidas).

**ANGELINA** (com amiudados acessos de tosse) — Sabes que dia é hoje, Catarina?

**CATARINA** — Sei. E' o dia em que o sr. Alvaro costuma vir, justamente a esta hora, conversar com a menina.

**ANGELINA** — Isso mesmo.

**CATARINA** — E a menina espera-o?

**ANGELINA** — Naturalmente!

**CATARINA** — Ah! mas eu creio que ele não virá hoje.

**ANGELINA** — Qual a razão?

**CATARINA** — Sem duvida, por temer que o sr. Henrique o descubra e o desfeiteie...

**ANGELINA** — Não será de certo esse o motivo. Alvaro é um môço destemido. Ignora o que é medo.

**CATARINA** — Entretanto... convinha que ele não voltasse mais aqui...

**ANGELINA** — Isso é impossivel. Eu quero vê-lo sempre... sempre junto de mim!

**CATARINA** — Em todos os dias convencionados?!...

**ANGELINA** — Justamente.

**CATARINA** — Faz muito mal. Pelo que parece, esqueceu-se da cena violenta que aqui se deu há dias?!...

**ANGELINA** — Ah! aquela altercação!

**CATARINA** — Altercação?!... Desafio para um duelo!

**ANGELINA** — E que importa isso?

**CATARINA** — E' que pôde acontecer, que o sr. Henrique o espere de emboscada, para matá-lo!...

**ANGELINA** — Que absurdo, Catarina! Meu pai nunca foi um miseravel assassino!... (Ouve-se imperceptivelmente o som triste e melancolico de uma fluta, sobressalta-se) Cala-te!... (pausa) Ah! Ei-lo!... E' ele!... vigia com cuidado se meu pai está dormindo!...

**CATARINA** — Deve dormir a sono solto. Estas ultimas noites tem lhe sido difficil conciliá-lo!...

**ANGELINA** — Catarina, minha boa amiga. Vê... vê não acorde; igualmente examina o movimento dos escravos! Vai, corre!...

**CATARINA** — Sim. Eu examinarei tudo, não tenha o menor receio! (sai pela direita alta. Angelina dirige-se à sacada)

## CENA V

## ALVARO e ANGELINA

**ALVARO** (saltando da sacada e dando um beijo na face de Angelina) — Sou pontual, querida Angelina! Ah! mas não imaginas quais as dificuldades com que lutei, para te vir dar este abraço e estar um momento a sós contigo.

MUSEU



BIBLIOTECA JENNY K. SEGALL

COLEÇÃO LOPES GONÇALVES

**ANGELINA** — Sei, Alvaro, sei que és um intrepido moço... tudo sacrificas por minha causa!...

**ALVARO** — Angelina, meu doce amor!... Por ti, quem não afrontará todos os perigos!... Quem há que por ti não exponha cem vezes a propria vida?!... Mas dize-me acaso saberás já do que se passou entre mim e teu pai?!...

**ANGELINA** — Sei. Contou-me Catarina que tudo ouviu.

**ALVARO** — E o pobre Anastacio sofreu algum castigo?

**ANGELINA** — Ainda não, mas sei que lhe estão destinados trezentos açoites.

**ALVARO** — Oh! é horrivel!... Angelina, vê se o podes livrar deste barbaro suplicio, sim?

**ANGELINA** — Farei todo o possivel, meu Alvaro.

**ALVARO** — Bem. Agora dize-me: quem fez chegar ao conhecimento de teu pai, a existencia do nosso amor?

**ANGELINA** — Eu mesma.

**ALVARO** — Tu?!...

**ANGELINA** — E' verdade.

**ALVARO** — E que te respondeu?

**ANGELINA** — Que nunca sua filha se casaria com um homem que tinha saído da plebe, para lhe entrar em casa no-doando a sua familia.

**ALVARO** — E' repulsivo!... Custa a suportar golpes tão profundos!... O que é ser pobre, minha boa Angelina! O acaso, permitiu que tu fosses imensamente rica, e eu imensamente pobre!... Ah! quanto somos infelizes!

**ANGELINA** — E' verdade; mas em parte a culpa é tua!

**ALVARO** — Minha?!... E porque?

**ANGELINA** — Porque se com boas maneiras tivesses falado na nossa união a meu pai, ele anuiria.

**ALVARO** — Isso nunca, Angelina! Pensa primeiro e verás que seria atrevimento um pobre artista como eu pedir a filha de um dos mais ricos fazendeiros desta provincia!... E de mais, comprehendes que todo o homem pensador deve cingir-se à sua posição, desde que, conhece bem as idéias da pessoa com quem trata!

**ANGELINA** — Tens razão. Por causa destes absurdos a que a sociedade chama — preconceitos — é que nós somos e seremos sempre infelizes; muito infelizes, meu querido Alvaro! (chora)

**ALVARO** — E's um anjo, minha boa Angelina! Mas que é isto?... Não chores!... filha, vou dar-te um conselho: casa com o homem escolhido por teu pai.

**ANGELINA** (Recuando, como vendo que Alvaro nunca sentiu por ela o menor afeto) — Que!... Pois tu... tu aconselhas-me que case com outro homem?!...



**ALVARO** (Querendo justificar-se). — Angelina...

**ANGELINA** (interrompendo-o) — Pois será crível, que eu tenha vivido iludida até hoje?!...

**ALVARO** — Angelina! Juro-te que em todo o mundo não há quem te ame tanto como eu!...

**ANGELINA** — Nunca! Vejo agora que acreditei nas palavras fementidas de um farçante!... Nunca, repito!... não posso crêr nessa falsa desculpa!

**ALVARO** — Não crês?... não crês. Angelina?!... Sê franca... Jura!... O que dizes é ditado pelo verdadeiro sentimento?...

**ANGELINA** — Sim, juro!... Digo o que sinto!

**ALVARO** — Angelina... tu... deves ter recebido algumas cartas do filho do Visconde do Vale, não é verdade?

**ANGELINA** — Como o sabes?!...

**ALVARO** — Foi Anastacio quem mo disse.

**ANGELINA** — Anastacio?!... Também ele!...

**ALVARO** — Cala-te!... não acuses tão excelente criatura!

**ANGELINA** — Pois bem; vou falar-te com franqueza! Tenho sim!... tenho recebido cartas desse homem, porém, a minha resposta, sempre foi esta: — que não me escrevesse mais, e que se esquecesse de mim, porque eu amava outro, e esse outro és tu, que me iludiste!... Iludiste-me sim, até o ultimo momento!... E se a minha vida é tão curta, é a ti que a devo!... só a ti!...

**ALVARO** — Angelina!

**ANGELINA** (como continuando) — Mas... não importa, senhor... Alvaro!... Tenho lido novelas onde há mulheres que levam a taça envenenada aos lábios de seus amantes refalsados e cinicos, porque se viram traidas... portanto eu juro que farei o mesmo ao infame que amei!... Agora, ordeno-lhe que saia...

**ALVARO** (impedindo-lhe a passagem) — Ouve-me primeiro Angelina, eu te duplico!

**ANGELINA** — Não me impessa a passagem, senhor!... Eu estou na minha casa!... Sáia, repito!... (quer sair de novo)

**ALVARO** (impedindo-a novamente e puxando por uma pistola) — Angelina, Se partes sem me prestares atenção, juro-te pela minha honra, que me matarei!

**ANGELINA** — Ah... (Fica horrorisada)

**ALVARO** (guardando a arma e dizendo com calma) — Diz-me, Angelina, estás bem certa se as cartas que tens recebido, são escritas pelo proprio punho de Pedro de Andrade?

**ANGELINA** — Certissima. Era ele mesmo que as entregava ao Anastacio!

**ALVARO** — E' falso!...

**ANGELINA** — Impossível!... Deposito toda a confiança em Anastacio!

**ALVARO (com a maior calma)** — Tudo isto foi uma farça. Olha: era eu que as entregava a Anastacio e era eu quem as escrevia!...

**ANGELINA** — Não te compreendo: explica-te!

**ALVARO** — Era eu o autor dessas cartas, querida Angelina...

**ANGELINA** — Tu?!... E com que fim?

**ALVARO** — Escuta: Por ser eu o causador dos teus males, queria ver-te um dia feliz, fosse como fosse. Pensei... que para chegares a ser minha esposa era impossível, visto teu pai pensar da maneira que sabemos. Então, para que deveria eu causar-te um grande mal, se este tinha remedio?!... e esse remedio, Angelina... a meu vêr, era casares com Pedro, porque sei que não lhe és desafeçoada. Oh! mas depois... depois desse casamento realizado... eu partiria... para bem longe daqui... e então o pobre louco, o desventurado Alvaro, não teria mais animo para trabalhar... nem mesmo para viver... poria termo à sua existencia!... (*interrompe-se pelos soluços*)

**ANGELINA** — Oh! Alvaro; querido Alvaro, como és bom. (*chora*)

**ALVARO (continuando)** — Então, por meio de cartas em seu nome experimentei se o amavas, e da minha experiencia fatal, resulou — que tu, Angelina, tu só tinhas um amor puro e santo, que só eu, dentre todos os homens, era o unico que escolhias para teu esposo!...

**ANGELINA** — Oh! quanto é horrivel a nossa sorte! Como somos desgraçados!

**ALVARO (Chorando)** — Muito, Angelina.

**ANGELINA** — Alvaro! resigna-te... não chores!...

**ALVARO** — Deixa-me... Deixa dar expansão às minhas lagrimas! a estas lagrimas filhas do odio e que são a vergonha do mundo!... Quem chora, é um trabalhador incansavel e honesto... mas pobre! Estas lagrimas são vertidas no fatal momento em que penso; que é o artista que faz com que a civilização caminhe através dos seculos, ao passo que, quando ele bate à porta do milionario, este pergunta-lhe do alto de sua opulencia: — “Quem és?...” “E” um artista que pede uma esmola, trabalho ou proteção!...” E ele responde: “Dinheiro e trabalho não tenho para te dar, quanto a proteção... convem que te conheças!...” Eles, os opulentos, só protegem os seus, Angelina!... E é isto... é isto que me faz chorar... Oh! chorar até mais não poder! Mas não importa!... Deixa, deixa correr estas lagrimas que são lagrimas — de um artista!... porem de um artista, que escarnece, ri e cospe na face da estu-

vida e soberba opulencia!...

**ANGELINA** — Tens razão! E' o artista que deveria ser um dos mais distinguidos na sociedade, e entretanto, é o mais desprezado. Mas não chores! Sê corajoso, e resigna-te que é proprio dos homens de talento!...

**ALVARO** — Sim... O homem não deve mostrar-se fraco, ainda mesmo lutando peito a peito com a adversidade!... Sim, Angelina!... tu inspiras-me sempre!... tu das-me luz e intelligencia! Pois bem: hei de lutar... lutar corajosamente até vencer o inimigo, ou succumbir na luta! e a peleja vai começar... já... neste momento!... Olha, vou pedir-te a teu pai, e se ele não anuir ao meu pedido, à minha supplica, a justiça!... a justiça obrigo-lo-a!... **(vai para sair, mas recua ao ver entrar Henrique e dizendo baixo a Angelina)** Ele!

**ANGELINA** — Coragem e prudencia!...

## CENA VI

### Os Mesmos e HENRIQUE

**HENRIQUE** (entrando pela direita alta) — Bravo! Explendido encontro!... Finalmente, consegui apanha-lo justamente como eu queria! Saiba que vou mandar azorrá-lo pelos meus escravos!... Vae receber o premio da sua audacia, miseravel seductor!...

**ALVARO** — Ah! é de mais!... **(Vai a lançar-se sobre Henrique, reconsidera e diz consigo.)** Mas que ia eu fazer?! **(alto)** Senhor! Conheço que cometi uma grande falta! O homem que entra assim alta noite e às occultas em uma casa alheia, merece realmente que o castiguem e que o entreguem à justiça; Sim! Eu sou o primeiro a reconhecer-me culpado! Mas, se o fiz, senhor, não foi para perpetrar um crime!... Foi só para vêr a criatura por quem vivo!... a criatura que mais amo! Ainda um momento, senhor! Eu sou um homem que tem por compaheiro inseparavel — o infortunio!... Um homem perseguido pela desgraça a todos os instantes, noite e dia, e em toda a parte! Finalmente, senhor, sou um homem, nascido e criado numa enxada, e bem exposto por meus pais à discrição da sorte, de uma sorte bem funesta! Porem, acima de toda esta desventura, ainda há outra que mais me pesa: é o ter um coração para amar loucamente sua filha, a ponto de me vêr forçado a afrontar deste modo o seu lar domestico! Portanto, senhor, compadeça-se de um filho da desgraça! Proteja-me! faça-me feliz! Não peço a sua riqueza, só quero a mão de sua filha!

**ANGELINA** (À parte, tendo estado debulhada em pranto)  
 — Infeliz Alvaro!

**HENRIQUE** (a Alvaro com arrogancia) — O Senhor ped-me a mão de minha filha?

**ALVARO** — E' verdade, senhor, e nada mais quero daquilo que lhe pertence! Eu trabalharei para sustentá-la e ela será feliz!

**HENRIQUE** — O senhor?... O senhor fazer feliz minha filha?... Faz-me dó, creia-me!... Onde estão os seus titulos?... Uma fortuna enfim, igual ao dote dela?... Tenho muita compaixão dos idiotas, como o senhor, mas advirto-lhe que se conheça, e não tolero por mais tempo a sua ousadia!

**ANGELINA** (a Henrique suplicando) — Querido pai, não o insulte!...

**ALVARO** — Senhor! Peço-lhe que não responda com ironias e insultos ao modo respeitoso com que o estou tratando.

**HENRIQUE** — Ah! quer que não insulte a... a sua pessoa... pois nesse caso, sáia! Sáia, mas previno-lhe que não volte mais a esta casa!

**ANGELINA** (a Henrique) — Oh! modere-se meu pai, modere-se!

**ALVARO** — Senhor... por piedade... não seja cruel... veja que dilacera dois corações!

**HENRIQUE** — Sáia, repito!...

**ALVARO** (magoado profundamente) — Eu sáio, senhor... mas antes peço o seu consentimento para dizer duas palavras à senhora sua filha!

**HENRIQUE** — Concedo! (áparte passeiando enraivecido) Ah! até que enfim; agora não volta e se voltar...

**ALVARO** (a Angelina depois de contemplá-la sinistramente) — Adeus... adeus querida Angelina!... Adeus para sempre!... Nunca mais nos tornaremos a vêr! Oh! nunca mais! Preciso procurar na morte cruel o termo da minha desventura! (beijando-a na testa) Oh! adeus!... adeus... (vai para sair).

**ANGELINA** (impedindo-lhe arrebatadamente a passagem) — Alvaro!... Alvaro que vais fazer?!...

**HENRIQUE** (tirando Angelina dos braços de Alvaro) — Deixa-o partir, Angelina! E ordeno-te que conheças a tua posição! Não consinto que manches as tuas mãos no fato da canalha!

**ALVARO** (voltando-se impetuosamente) — Canalha!... Alto, senhor!... (depois de pequena pausa) Porque sou um homem do povo, e estou em sua casa, o senhor não tem o direito de insultar-me!

**HENRIQUE** — Não tenho o direito?!... Canalha, repito!... Não te temo desta vez!!!...

**ALVARO** (comprimindo o coração) — Ah!... se essas palavras não fossem proferidas pelo pai daquela que mais amo,

fosse eu muito embora um monstro, mas essa afronta, que abominavelmente me arrojou às faces, ser-lhe-ia devolvida com o selo maldito da bala desta pistola... (atira fóra uma pistola que tinha tirado do seio).

**ANGELINA** — Alvaro, por quem és!...

**HENRIQUE** (áparte) — Isto é demais!...

**ALVARO** (beijando a mão de Angelina) — Sou um desgraçado, Angelina... oh! um desgraçado!...

**HENRIQUE** (colérico ao vêr Alvaro beijar as mãos de Angelina, dizendo áparte) — Oh! não posso suportar tanta afronta! (alto) Canalha!... Ousas beijar as mãos de minha filha?!...

**ALVARO** — Perdão!... Eu beijo as mãos de um anjo, de um tesouro de bondade e de inocencia, da mulher que mais amo!...

**HENRIQUE** — E o senhor atreve-se a dizer segunda vez que ama minha filha?!...

**ALVARO** — E porque não?!... Acaso haverá nisso algum crime!.. Sou artista e pobre, é verdade, mas isso não importa; a justiça não distingue posições, senhor!... Agora esta moça será minha mulher!...

**HENRIQUE** (a Angelina) — Oh! E tu desgraçada o que fazes? Não repeles os improperios deste biltre?!... — (tenta dar-lhe uma bofetada).

**ALVARO** (postando-se na frente de Angelina) — Para traz!... Para traz, repito!... Se alguém neste momento ousar tocar nem de leve, num só dos seus cabelos, dentro daquela arma ainda existe uma bala!... (indica a pistola caída).

**HENRIQUE** (encaminhando-se lentamente para o fundo — Ah!... o senhor... é... é valente... muito valente... Queira esperar-me um instante... volto já... (sai pelo fundo olhando rancorosamente para Alvaro).

**ALVARO** — Sempre covarde!

**ANGELINA** (chorando) — Oh! e meu pai sempre firme na sua negativa!

## CENA VII

### Os Mesmos, menos HENRIQUE

**ALVARO** (desconfiado da saída de Henrique) — Angelina..

**ANGELINA** (interrompendo-o) — Vês, Alvaro, o genio desabrido que meu pai tem?...

**ALVARO** — Angelina... preciso retirar-me... sem demora...

**ANGELINA** — Queres partir? Ah! mas vejo que assim é preciso... eu estou com medo... aquela saída...

**ALVARO** — Sim... aquela saída repentina de teu pai... aquele olhar... teu pai quer assassinar-me!...

**ANGELINA** — És uma criança, Alvaro! Meu pai pôde ser tudo menos um assassino! (assustam-se ao ouvir um ruído à direita).

**ALVARO** — Que será isto?

**ANGELINA** — Vou vêr! (Vai para sair pela direita).

**ALVARO** (detendo-a) — Não! eu vou, espera... (apanha a pistola e quer investir pela direita).

**ANGELINA** — Alvaro! suplico-te... não vás! (sai).

### CENA VIII

#### ALVARO e ANASTACIO

**ALVARO** (olhando para o fundo e escutando) — Ah! sinto passos!... Para aqui dirige-se alguém!... (engatilha a pistola e fica em guarda)

**ANASTACIO** (entrando apressado pelo fundo) — Ah! senhor Alvaro!...

**ALVARO** (á parte) — Ah! é o bom Anastacio! (alto) O que é, Anastacio, há alguma cousa de novo?

**ANASTACIO** — Oh! senhor Alvaro, o senhor está perdido!...

**ALVARO** — Perdido!... porque, bom Anastacio?

**ANASTACIO** — Porque meu senhor mandou cercar toda a casa pelos seus escravos, com ordem de fazer fogo em quem quer que descer pelas janelas! O senhor Alvaro vai descer por aquelas que deste lado estou eu. (indica a direita alta) Vá, senhor, vá, não perca tempo! Na sala da frente já tem uma corda para o senhor descer que agora mesmo deitei da parte de fóra! Vá, senhor Alvaro, vá depressa! (quer sair)

**ALVARO** — Meu bom Anastacio! Quanto te devo! Agradeço-te os esforços que fazes para salvar-me, e a grande amizade que me consagras! Desta vez, porém, rejeito a fuga que me propões, porque é vergonhosa!... Não! não aceito! Deixame esperar o inimigo de frente!... (indicando a direita baixa) Subi por ali, e por ali hei de descer!...

**ANASTACIO** (ajoelhando-se) — Sr. Alvaro! tenha pena de si e de sinházinha! Não saía por aquele lugar! Ali é onde está meu senhor armado de espingarda, e o sr. Alvaro não lhe escapa porque ele atira bem!

**ALVARO** — É por confiar na sua pontaria que teimo em me expôr à bala da sua arma! (levantando-o comovido) Levanta-te, bom Anastacio! Vai para o teu posto, que teu senhor pôde dar pela tua falta! (abraçando-o) Adeus, meu amigo, é provavel que nunca mais nos tornemos a vêr!

**ANASTACIO** — Oh! sr. Alvaro...

**ALVARO** — Vai, Anastacio, não fiques aqui mais um momento que te pôde ser fatal!

**ANASTACIO** — Sr. Alvaro, expôr assim a vida é uma loucura!

**ALVARO** — É; mas que queres, amigo! A morte para um homem que sofre como eu é uma felicidade!

**ANASTACIO** — Neste caso o sr. Alvaro prefere morrer definitivamente.

**ALVARO** — Prefiro!

**ANASTACIO** — Pense bem... Essa é a ultima decisão do sr. Alvaro?

**ALVARO** — É.

**ANASTACIO** — Adeus, senhor, adeus! não posso salvá-lo!... (sae ligeiramente pelo fundo)

**ALVARO** — Adeus, bom Anastacio, meu unico amigo!

#### CENA IX

#### ALVARO e depois ANGELINA

**ALVARO** (só) — Não! não quero, sr. Henrique, fugir às balas das suas carabinas, mesmo para que mais tarde o senhor não diga que eu fui covarde como presentemente o considero! Quero que a sua bala seja a primeira a atravessar-me o peito! É este o procedimento da plebe!...

**ANGELINA** (entrando pela direita alta) — Alvaro, percorri as salas todas, e apenas vi uma corda junto a uma janela. Não posso atinar, quem e com que fim a puzeram ali!

**ALVARO** — Foi o nosso protetor, o nosso fiel Anastacio que a atirou da parte de fóra para que eu descesse por ela. A sua queda foi o estrondo que ouvimos!

**ANGELINA** — Descer pela corda!...

**ALVARO** — Sim, Angelina, ele desconfia... que teu pai quando eu descer pela sacada mande atirar sobre mim!

**ANGELINA** — Até o próprio Anastacio faz tão mau juizo de meu pobre pai!

**ALVARO** — Creio que aquele bom preto tem alguma razão, Angelina, teu pai é um mau homem! Agora... preciso separar-me de ti, querida Angelina!... Eu vou partir... partir!... (á parte) Oh! são duas mortes a um tempo, esta infeliz não resiste!...

**ANGELINA** — É bem doloroso este apartamento, mas vejo que assim é preciso!...

**ALVARO** — Angelina!... Querida Angelina!... adeus... Mas, não sei o que tenho... não posso deixar-te... Oh!... eu

morro... eu morro aqui mesmo, (depois de olhar horrorizado para a sacada) Angelina! adeus!! adeus para sempre! Olha... a féra que quer beber-me o sangue, anciosa lá me espera!... Adeus!... (dirige-se com velocidade para a sacada)

**ANGELINA** (dando um grito) — Ah!... Alvaro... não vás!...

**ALVARO** (horrorizado) — Ah!... (recuando) Ali!... ali!... (dando com Angelina) Angelina! oh! por piedade não me acompanhes! (indicando a esquerda) Vai... vai, querida Angelina! vai para aquelas salas! Oh! não te demores!... Sai deste lugar!...

**ANGELINA** — Não!... não sairei!!!... Alguma cousa te amedrontou, portanto, eu quero vêr o que é... (dirige-se à sacada.)

**ALVARO** (detendo-a) — Tu... tu queres ver um quadro horrível?!... Pois bem! (levando-a para junto da sacada e apontando para fóra) Olha!... vê?... Vês aquele vulto... ali outro... e mais outro?...

**ANGELINA** (recuando horrorizada) — Ah!... Socorro! que estamos com a casa cercada por ladrões!!...

**ALVARO** — Não!... não são ladrões, Angelina! É teu "bom pai" em companhia dos seus escravos, que me esperam para assassinar-me!

**ANGELINA** — Ah! (comprime o coração e ampara-se para não cair).

**ALVARO** (dirigindo-se à sacada e falando para fóra) — Atira!... atira, covarde!... Atira, miserável!... Atira sobre o artista, porque não tem riqueza nem títulos para oferecer à tua filha!... Apressa-te!... manda descarregar sobre mim essas armas, na certeza de que matas um homem que não é covarde! covarde como tu, desgraçado!... Vamos!... atirem!... — atirem todos a um tempo, corja de assassinos!!!... (desce rapidamente pela sacada).

**HENRIQUE** (fóra) — Atirem!... Façam fogo!... (ouve-se a detonação de um tiro de espingarda e após este um grito agudo).

**ANGELINA** (caindo desmaiada) — Ah!...

FIM DO SEGUNDO ATO



## ATO III

Uma sala bem mobiliada. Portas laterais, e ao fundo janelas que deixam vêr umas alegres campinas. Está amanehecendo.

### CENA I

#### CATARINA e logo depois ANGELINA

**CATARINA** — Que desordem, que desharmonia vai em toda esta gente! Ninguém sabe o que deve fazer, nem onde estar, todos os lugares são incomodos, tudo é horror!... Enfim, eu mesmo queria fugir, fugir, para muito longe desta casa! (**vendo entrar Angelina espavorida pela direita**) Coitada! há umas poucas de horas que vive nesta atribulação! e não há meio de recuperar o seu juizo! Está louca, perdida, por vêr que assassinaram o seu amante! Oh! quanto eu sinto o sofrimento desta pobre menina!

**ANGELINA** (olhando horrorizada por várias vezes para a porta por onde entrou, como que tentando esconder-se) — Ali... Ali... estão os assassinos... ali os assassinos!...

**CATARINA** — Oh! por quem é, socegue, tranquili-se-se!

**ANGELINA** (tentando esconder-se, agarrando-se a Catarina) — Eu tenho medo... eu tenho medo...

**CATARINA** — Não se aflija tanto! Faça um esforço; é preciso recuperar as suas idéias!...

**ANGELINA** — Eu não estou louca, Catarina! Eu apenas tenho medo de tudo... de todos... porque até meu pai... meu pai é um assassino!... (**debulhada em pranto**) Assassinou o meu Alvaro!

**CATARINA** (*áparte*) — Oh! o quanto ela sofre! Nem sei como animá-la! Isto é um suplicio!... (**alto sentando-a**) Tenha paciência! Assente-se e acalma-se porque não são os seus sofrimentos que lhe restituem a vida!...

**ANGELINA** — Ah! bem o sei!... Mas, Alvaro! o meu Alvaro!... eu queria estar sempre com ele, Catarina!

**CATARINA** (*áparte*) — Oh! eu não posso vêr sofrer tanto! (**alto, para fóra**) Ah! canalhas!... assim fazeis padecer tão santa criatura!...

**ANGELINA** — Muito me custa respirar, Catarina!

**CATARINA** — Socegue. Não se amofine que agrava mais a sua molestia.

**ANGELINA** — É esse o meu desejo! Eu quero piorar... quero morrer!... Não posso suportar tanta aflição (anciada) Oh! quanto eu soffro!...

**CATARINA** (dando-lhe o remedio) — Isso passará. Tome este calmante.

**ANGELINA** — Não quero remedios para me acalmar os sofrimentos... quero remedios para me matar mais depressa... estou anciada... quero ar... ar é que eu preciso... deem-me ar!

**CATARINA** (levando-a pelo braço para a janela) — Pois vamos... vamos para a janela...

**ANGELINA** — Ah! sinto-me aliviada, respiro com mais facilidade este ar puro e suave. Pena é que seja por tão pouco tempo. Não posso mais gozar esta aragem fresca e agradável... Ah! quanto seria belo se eu com o meu Alvaro, o meu querido Alvaro, vivessemos como travessas criancinhas brincando por esses vales além... Oh!... a vida para nós seria um paraizo... Adeus... adeus flores que com tanto zelo cuidei... nunca mais vos tornarei a ver!... Adeus verdejantes campinas que tantas vezes me servistes de berço quando me considerava feliz porque era menina e inocente... adeus perfumada brisa que agora me bafejas as faces... adeus paisagens... gigantescas montanhas... nunca apreciarei tanta poesia de que sois dotadas... adeus... adeus... vou morrer!... Sim!... morrer!... oh! quanto é bom... (reclina-se no parapeito da janela)

**CATARINA** (que tem estado a chorar) — Perdão, minha menina; convem sair da janela, este vento faz-lhe mal.

**ANGELINA** — Vamos. Leva-me até ao meu quarto, porque efetivamente sinto-me enfraquecer... não posso estar aqui... acho esta sala fria. (sai pela direita baixa).

## CENA II

### HENRIQUE e PADRE JOSE'

**HENRIQUE** (entrando pela esquerda baixa) — Que aborreimento! Estou incomodado... não acho um lugar aprazível.. não posso dormir... Enfim, isto passará.

**PADRE JOSE'** (entrando pelo fundo) — Bom dia, Henrique.

**HENRIQUE** (depois de olhar com desprezo) — Já tão cedo, Padre José. (á parte) Este maldito vem atrapalhar-me!...

**PADRE JOSE'** — É verdade, meu Henrique, venho verte!... Como passaste a noite?... dormiste melhor?

**HENRIQUE** — Se dormi melhor... nada absolutamente!  
**PADRE JOSE'** — Sem dúvida andaste toda a noite ao sereno, hein, isto é o mais certo.

**HENRIQUE** — E' verdade; advinhaste.

**PADRE JOSE'** — Modera-te, amigo Henrique, modera-te, olha que para a tua idade isso é feio, e mesmo... pôde-se levar uma chumbada...

**HENRIQUE** — É justamente o que me sucedeu esta noite.

**PADRE JOSE'** — Estás brincando, Henrique!

**HENRIQUE** — Crê!... Falo sério.

**PADRE JOSE'** — Pois que?!... Levaste um tiro?!...

**HENRIQUE** — Não... deio-o!

**PADRE JOSE'** — Hein?... Dêste um tiro?!...

**HENRIQUE** — Justamente.

**PADRE JOSE'** — Mas em quem, explica-te!

**HENRIQUE** — Ora, em quem?... Naquele patife de que te falei há dias.

**PADRE JOSE'** — Qual?

**HENRIQUE** — Aquele pintor que queria casar-se com minha filha.

**PADRE JOSE'** — Que dizes, Henrique!... E feristê-lo?!...

**HENRIQUE** — Sim! (rindo) Ah! ah!... mateio-o!

**PADRE JOSE'** — Matastê-lo?!... Tu mataste um homem! o noivo de tua filha?!...

**HENRIQUE** — E a prova, te-la-ás; dentro em pouco vais vê-lo viajar num saco pelo Paraiba.

**PADRE JOSE'** — Mas isso é um crime abominável!...

**HENRIQUE** — Oh!... que é isto?!... O amigo Padre não parece o mesmo. Já não é o padre viciado doutrota. Se estivesse embriagado, certamente não falaria assim.

**PADRE JOSE'** — Sr. Henrique! Eu apesar de Padre, estou tão sujeito aos vícios como qualquer outro homem! Confesso que tenho defeitos graves! Vícios convenho, mas ainda assim os meus vícios não me impeliram a assassinar ninguém, sr. Henri que! Isso é um crime, e um crime nefando; eu serei tudo, menos um assassino!

**HENRIQUE** — Pelo que vejo, o reverendo, veio hoje disposto a pregar-me sermões. Pois eu declaro-lhe francamente que não me acho com a paciência para aturá-lo! Portanto, convem que se retire!

**PADRE JOSE'** — Eu não estou prégando sermões! Apenas manifesto a minha indignação por vêr como há homens que praticam barbarismos desta ordem!... Diga-me: — qual foi o crime em que incorreu esse infeliz moço, para que lhe desse semelhante fim?!...

**HENRIQUE** — Não foi crime, mas foi um erro que não

podia ser corrigido de outro modo!

**PADRE JOSE'** — Esta opinião só é propria dos homens estúpidos, e soberbos opulentos como o senhor!

**HENRIQUE** — Senhor reverendo, veja que me ofende!

**PADRE JOSE'** — Não: digo-lhe verdades! O erro, não se corrige com o assassinio, pois que se assim fosse, não existia uma só criatura! Demais; Alvaro apenas amou, e amou muito uma mulher! Não há crime nem erro nisto, senhor! É um ato natural, que a sociedade aprova, e a humanidade precisa! Adeus!... Retiro-me para não servir de testemunha no seu processo; a justiça não tardará a vir aqui tomar-lhe severas contas! Adeus... **(Sai pelo fundo)**.

### CENA III

#### HENRIQUE e depois ANGELINA

**HENRIQUE** — Oh! que disse ele!... Prenderem-me!... Engana-se! Eu tenho dois mil contos de réis!... mil será o bastante para que a justiça não desvende os olhos!... **(Ia sair pela direita mas recua assustado ao vê entrar Angelina pelo mesmo lado)**.

**ANGELINA** **(estremecendo ao vê-lo e dizendo áparte)** — Vamos... coragem para a luta.

**HENRIQUE** **(áparte)** — Tenho medo... **(alto, tomando coragem)** Então, Angelina, qual dos três canta vitoria!... Eu, tu, ou aquele que há pouco caiu morto daquela sacada!?

**ANGELINA** **(falando muito compassadamente)** — Ele, em primeiro lugar, e eu em segundo. Ele, porque está isento de qualquer sofrimento, e eu, porque em vez de sofrer barbaramente um ou dois meses, sofrerei apenas alguns momentos.

**HENRIQUE** — Ah! então tu és das que dizem: a felicidade da criatura está no repouso eterno?!... Pois eu penso de modo contrario, Angelina, a felicidade da criatura é para quem vive!

**ANGELINA** — É certo, mas não para os infelizes como o senhor!

**HENRIQUE** — Eu infeliz?...

**ANGELINA** — E muito! Pensa talvez meu pai, que dora avante terá prazer em viver?... não! porque tem remorsos, e o homem que tem remorsos enlouquece ou deseja a morte!

**HENRIQUE** — Angelina! Proibo-te que continues!...

**ANGELINA** — Não! Agora meu pai ha-de ouvir-me porque o exijo!... Preciso fazer-lhe uma ligeira descrição de um quadro real da vida!... Ouça: Meu pai é assassino! portanto, precisa lembrar-se, que para o futuro será perseguido por um horroroso fantasma — o remorso!

**HENRIQUE** (áparte) — Oh!...

**ANGELINA** — A justiça que já vejo marchar com direção a esta casa...

**HENRIQUE** (áparte) — Oh!...

**ANGELINA** (continuando) — Não foi feita para castigar os erros dos animais, foi para castigar os erros da humanidade!...

**HENRIQUE** (áparte) — Oh!... a justiça...

**ANGELINA** — Diviso já uma horrorosa prisão...

**HENRIQUE** (interrompendo-a) — Cala-te Angelina!

**ANGELINA** — É o remorso que começa! Já vê pois, meu pai, que não canta vitória como julgava!

**HENRIQUE** (deitando as mãos ao pescoço de Angelina como querendo asfixiá-la) — Cala-te, Angelina, senão mato-te!...

**ANGELINA** — Mate-me também, que é um favor que me faz! Mate-me! Cometa mais esse crime! porque então uma condenação infamante, fará levantar na praça pública a força que ainda uma vez funcionará reclamada pela furia do povo!...

**HENRIQUE** (recuando espavorido) — Oh! que horror!... que horror!... (a Angelina) Angelina!... por quem és!... pela memória de tua mãe, não continues!... Compadece-te de mim!... de teu pai! Cometi um crime!... eu o confesso, mas ninguém se arrepende senão depois do erro praticado!

**ANGELINA** — Ah! Ainda que eu queira continuar... não posso... Sinto... que qualquer cousa me neutralisa... sinto que são os ultimos alentos da vida... (cai desfalecida num canapé.)

**HENRIQUE** (depois de tomar-lhe o pulso) — Que é isto?!... Angelina!...

**ANGELINA** (tosse até o fim amiudadas vezes) — É a minha felicidade... que chega... é a morte, meu pai!

**HENRIQUE** — A morte!... Oh! que eu enlouqueço! eu enlouqueço!... Se Alvaro vivesse ainda... quem mo dera vivo!... (pausa) Vivo... ah! ah!... e ela morta também... (pausa) Que horror!... que negras visões!... Oh! minha cabeça... eu enlouqueço! sim! enlouqueço!... Acudam-me! acudam-me!... (cai numa cadeira).

**ANGELINA** (com pausa depois de longo silencio) — Meu pae... meu pae...

**HENRIQUE** (levantando-se e acudindo ao chamado de Angelina) — Angelina, minha filha!... Dize-me depressa o que desejas!...

**ANGELINA** — Meu pae... sinto-me muito mal! Sei que morro... por isso... queria pedir-lhe um unico favor...

**HENRIQUE** — Diz, querida filha, diz o que queres, tudo te farei! Primeiro o medico, sim?... eu mando chama-lo já!...

**ANGELINA** — Não senhor... não quero' ninguém... man-

de-me apenas... chamar o senhor Padre José, para lhes dizer o ultimo adeus!

**HENRIQUE** (toca uma campainha e Anastacio aparece).

#### CENA IV

##### Os mesmos e ANASTACIO

**HENRIQUE** — Anastacio. Depressa. Manda chamar o senhor Padre José que ainda deve ir pouco distante d'aqui. Digam-lhe que a menina Angelina está prestes a morrer e quer dizer-lhe o ultimo adeus. Corre!

**ANASTACIO** — Sim, meu senhor. (sae pelo fundo)

#### CENA V

##### Os mesmos, menos ANASTACIO

**HENRIQUE** (consultando o relógio) — Oh! Felizmente o medico tambem deve estar a chegar! Angelina, minha filha, já mandei chamar o Padre José!

**ANGELINA** — Porém... não era só este o meu pedido...

**HENRIQUE** — Pois diz, Angelina, diz o que mais queres!

**ANGELINA** — Eu já não posso andar... não tenho forças... Portanto, queria vêr o cadaver de Alvaro... pedia-lhe o favor de mandá-lo trazer aqui!

**HENRIQUE** (horrorisado) — Aqui, o cadaver de Alvaro!...

**ANGELINA** — Por quem é!...

**HENRIQUE** (como acima) — Oh! nunca!... nunca...

**ANGELINA** — Meu pai, suplico-lhe!

**HENRIQUE** — Angelina!... filha de meu coração! não exijas de mim semelhante sacrificio!

**ANGELINA** — Oh! eu quero morrer bem conchegada ao seu cadaver!

**HENRIQUE** — Que horror!

**ANGELINA** — Meu pai... faça-me esta ultima vontade...

#### CENA VI

##### Os mesmos e ANASTACIO

**ANASTACIO** (entrando pelo fundo) — Meu senhor, o senhor Padre José, já vem. Volta a toda pressa.

**HENRIQUE** (a Anastacio) — Bem. Anastacio... traz... para aqui o cadaver de Alvaro!

**ANASTACIO** — Oh! meu senhor! mas isto vai fazer muito mal à sinhazinha!

**HENRIQUE** — Mas é ela que o pode, vae busca-lo!

**ANASTACIO** (a Angelina suplicando) — Minha querida si-

nhásinha, o cadaver do senhor Alvaro vai-lhe meter medo! Vendendo-o, causa horror!

**ANGELINA** — Não importa, bom Anastocio, vai busca-lo. E' este o último favor que me fazes!

**ANASTACIO** — Pois sim, sinhásinha! (saindo) Oh! quem sabe o que irá suceder... (sae pelo fundo).

## CENA VII

Os mesmos, menos **ANASTACIO**

**ANGELINA** (debatendo-se nas ancias da morte) — Oh! ainda bem!

**HENRIQUE** — Tenho medo!... muito medo!... (senta-se desalentadamente em uma cadeira distante de Angelina).

**ANGELINA** (depois de tossir demasiadamente, fica recostada no canapé, cançadíssima) — Prometi morrer ao seu lado... e morrerei... morrerei abraçada ao seu cadaver... Como será belo morrer assim... (prolongado silencio).

## CENA VIII

Os mesmos, **ALVARO** e **ANASTACIO**

**ANASTACIO** (entrando pelo fundo) — Está aí o sr. Alvaro! **ALVARO** (entrando e dirigindo-se a Angelina) — Angelina! querida Angelina!...

**HENRIQUE** e **ANGELINA** (levantando-se espavoridos) — Alvaro?!...

**ALVARO** (a Angelina abraçando-a) — Eu mesmo, Angelina!

**ANGELINA** — Tu, vivo?

**ALVARO** — É verdade (indicando Anastacio) Mas, se não fosse o nosso amigo Anastacio, não terias certamente o teu Alvaro vivo; terias com efeito o seu cadaver!

**ANASTACIO** (a Henrique) — Perdoe-me, meu senhor, perdoe-me!...

**HENRIQUE** (a Alvaro) — Oh! sr. Alvaro, como o salvou ele?

**ALVARO** — Eu lhes digo. Quando eu decia pela sacada, o senhor ordenou aos seus escravos que fizessem fogo sobre mim. N'esse momento Anastacio, que tinha abandonado o seu posto para me esperar, disparou a sua arma para o ar, soltando ao mesmo tempo, um grito de dôr. Ouvindo isto, o senhor e seus escravos não atiraram por me julgarem morto.

**HENRIQUE** (abraçando Anastacio) — Oh! Anastacio, quanto és bom!... quanto és bom!...

**ANASTACIO** — Oh! meu senhor!

**ANGELINA** (caindo na cadeira como morta) — Ah! não creio em tanta felicidade!... (Ruge em surdina na orquestra o trecho executado na flauta na cena IV do ato II, até ao fim).

**ALVARO** (tomando-lhe o pulso) — Que!... Angelina morta!...

CENA IX

Os mesmos, e **CATARINA** que entra pela esquerda alta e vai para junto de Angelina.

**HENRIQUE** — Morta!... Minha filha...

**ALVARO** — Ah! antes me tivessem matado!... antes me tivessem matado!... (chora)

**ANGELINA** — Meu pai... peço-lhe que proteja... Alvaro e Catharina... É a minha última vontade, que seja restituída a liberdade ao bom Anastácio...

**HENRIQUE** — Sim, querida filha!... tem razão!... Estes agora serão os meus filhos!... os meus únicos filhos!... (Abraça Alvaro e Anastácio).

**ANGELINA** — Quanto à sua... desditosa filha... essa... essa está morta...

**HENRIQUE** — Morta!... Tu morta!... Ah! não tenho que admirar-me!... Fui eu!... eu que a matei-a!... Oh! tenho odio!... odio de mim, do mundo, e odio teria de meus pais se vivos fossem, porque não souberam educar-me!...

**ANGELINA** (morrendo) — Alvaro... morro... com o coração despedaçado... por não ser alguns momentos... tua esposa! Adeus... adeus... sê feliz!... (morre a surdina some-se placidamente)

**ALVARO** (tomando-lhe o pulso) — Angelina!... Angelina!... Oh! morta!... morta!... (comprimindo o peito) Eu morro também!... Este coração não suporta tanto!... Angelina! Querida Angelina! eu queria morrer!... Oh! morrer contigo! (chora sobre o regaço de Angelina. Padre José tem entrado gravemente pelo fundo).

**HENRIQUE** — Ah! malditos sejam os títulos e as riquezas, porque foram eles!... eles os únicos causadores de eu não fazer minha filha feliz, casando-a com um artista — pobre mas honrado!... Ah! minha pobre filha!... minha pobre filha!... (cai numa cadeira chorando)

**CATARINA** — Infeliz menina!... (chora)

**PADRE JOSÉ** — Eis aqui um tristíssimo quadro!... É esta a fatal consequencia dos preconceitos, e da educação do século XIX! Que a humanidade saiba aproveitar-se deste exemplo!...

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO



# NOVIDADES TEATRAIS

<b>O PRIMEIRO MARIDO DA FRANÇA</b> —Comedia em 3 actos de E. Valabregue, trad. de Gervasio Lobato, 5 h. e 5 s. . . . .	4\$000
<b>ANASTACIO</b> — Peça em 3 actos, de Joracy Camargo (grande successo de Procopio Ferreira, 13 h. e 4 s. . . . .	7\$000
<b>O MARTYR DO CALVARIO</b> — Drama em 5 actos e 16 quadros, por Eduardo Garrido . . . . .	10\$000
<b>AS ALEGRIAS DO LAR</b> — Comedia em 3 actos, de grande successo, 5 h. e 3 s. . . . .	6\$000
<b>GASPAR CACÊTE</b> — Comedia em 3 actos de E. Garrido. Grande successo de gargalhadas, 4 h. e 3 s. . . . .	4\$000
<b>FERRO EM BRAZA</b> - Drama em 3 actos de Antonio Sampalo, levado á scena com grande exito em todos os theatros e circos, 10 h. e 6 s. . . . .	5\$000
<b>BALDUINO</b> — Comedia em 3 actos, por Armando Gonzaga, 5 h. e 3 s. . . . .	4\$000
<b>QUE TRAPALHADA!</b> Comedia em 3 actos, de A. Abranches, fabrica de gargalhadas, 4 h. e 3 s. . . . .	4\$000
<b>O SECRETARIO DE S. EX.ª</b> - Comedia em 3 actos, por Armando Gonzaga, 9 h. e 5 s. . . . .	4\$000
<b>A CABANA DE PAE THOMAZ</b> — Drama em 7 quadros, imitação, por J. Vieira Pontes. Representado com grande successo em todos os theatros e circos, 14 h. e 4 s. . . . .	5\$000
<b>ERRO DE UM PAE</b> - Drama em 3 actos, 5 h. 1 s. . . . .	4\$000
<b>SALIM SAID CIMA</b> - Comedia em 3 actos, por Ferreira Simões, 8 h. e 2 s. . . . .	4\$000
<b>MINISTRO DO SUPREMO</b> - Comedia em 3 actos por Armando Gonzaga, 7 h. 5 s. . . . .	4\$000
<b>QUE SOGRA!</b> - Comedia em 3 actos, 3 h. e 2 s. . . . .	4\$000
<b>O MALUCO N.º 4</b> - Comedia em 3 actos por Armando Gonzaga, 5 h. e 3 s. . . . .	4\$000
<b>PIPERLIN, corretor de casamentos</b> - Comedia em 3 actos, de Eduardo Garrido, 5 h. e 6 s. . . . .	4\$000
<b>ROSAS DE NOSSA SENHORA</b> - Drama em 2 actos, por Celestino Silva, 6 h. e 3 s. . . . .	3\$000
<b>O SETIMO CEU</b> - Drama em 3 actos, de Alves Moreira, 3 h. e 3 s. . . . .	4\$000
<b>A FLOR DOS MARIDOS</b> - Comedia em 3 actos, por Armando Gonzaga, 7 h. e 7 s. . . . .	4\$000
<b>GRAÇAS A DEUS!</b> - Comedia em 3 actos, de Armando Gonzaga, 5 h. e 6 s. . . . .	3\$000
<b>A MULATA E' DE CIRCO!</b> — Comedia em 3 actos de Ferreira Simões, 8 h. e 3 s. . . . .	3\$000
<b>O GAIATO DE LISBÔA</b> - Comedia-drama em 2 actos de Aristides Abranches, 6 h. e 2 s. . . . .	3\$000
<b>MARIA CACHUCHA</b> —Comedia em quadros, de J. Camargo, successo de Procopio Ferreira, 2 h. e 4 s. . . . .	6\$000
<b>CEGO DE AMOR</b> — Drama em 3 actos, de Carlos Caváco. Grande successo, 3 h. e 2 s. . . . .	4\$000

# LIRA TEATRAL

A mais completa e mais bonita collecção de monologos, cançonetas, scenas comicas, poesias e comedias, que até hoje se têm publicado, cuidadosamente organizada por

## J. VIEIRA PONTES

Livro indispensavel a todos os actores, amadores e casas de familia. Para intermedio das recitas particulares de sociedades dramaticas, ou para maior brilho dos saráus familiares, encontrará o leitor na *Lira Teatral* o que de mais delicado tem apparecido em poesias dramaticas e o que de mais chistoso nos tem dado, em monologos e cançonetas, escritores de reconhecido merito.

EIS O INDICE: — O Senhorio Lusitano - Um noivo em cécegas - A morta galante - O angú do Barão - Rindo - Por de cima... por de baixo... - A cabra, o carneiro e o cevado - O melro - Do mesmo lado - A lagrima - A lenda das rosas vermelhas - Amanhã vou pedi-la... - Dona Hortência - A mosca - O trio dos larapios da "Gran-Via" - A Judia! (dialogo) - O suicida - Um alho! - Dentada de sogra! - Soirée familiar - A pulga - Morreu a minha sogra - Tres soldados - Rataplan - Para os pobres - Aos heróes de 1640 - Se eu fosse rapaz - Nas recepções da embaixada - Ul-la-lá - Os camarões - Quando a desgraça penetra... - O lenço de minha tia - O estudante alsaciano - O grande Elias - A minha sogra - O chão - A confissão - O ponto - O socio - Capenga não fórma - Um monologo... - Só no mundo - O pão fresco - Monologo cinematografico - Sesion clerical - O Fiel - Sempre a andar - Trapalhada lyrica... - Nos annos da mamã - O' Chico - Vou recitar - Uma arla para tenor - O vagabundo - Posso ser padre? - O dinheiro - Nem ella nem eu - Sem novidade - Sol-la-si-dó - O meu casamento - O dorminhoco - A pele de urso - A fome no Ceará - O pintasilgo - A caridade e a justiça - Um sonho - O album - Digo?... - Ele e ella - Prologo - Eu e tu - Dança do vento - A tragedia - Trapalhada do Melro e o Fiel - As Tres Lagrimas - O buraco do Casamento. — Além de tudo isto contém ainda a lindissima comedia em um ato, do distincto escriptor Julio de Menezes, intitulada: *Carta a Santo Antonio*, representada milhares de vezes com grande successo.

A nova edição da *Lira Teatral* vem agora muito enriquecida com novos monologos de grande successo e um pequeno tratado sobre **CARACTERISAÇÃO E PINTURA DO ROSTO** que muito vem auxiliar os actores e amadores que encontrarão um metodo seguro de se caracterizarem a si mesmo. A esta nova edição adicionamos tambem a "*Lei Getulio Vargas*" que regula as obrigações e direitos entre empregarios e trabalhadores de teatro, ficando assim a *Lira Teatral* um livro indispensavel a actores e amadores. 1 vol. de mais de 300 paginas, 10\$000. Pelo correio 11\$000.

## LIVRARIA TEIXEIRA

R. Líbero Badaró, 491

SÃO PAULO

# LIVRARIA TEIXEIRA

Izidoro (O), 2 h. e 1 s. ....	4\$000	Herença (A) de um marinheiro, 4 h. e 1 s. ....	4\$000
Leão (O) branco, 4 h. e 2 s. ....	4\$000	Honra do operário, 6 h. e 1 s. ....	4\$000
Mocós e velhos, 4 h. e 2 s. ....	4\$000	Honra (A) ultrajada, 3 h. e 1 s. ....	4\$000
Mudança á meia-noite, 4 h., 1 s. ....	4\$000	Ingrato (O), 3 h. e 1 s. ....	4\$000
Mulata (A) é de Circo 8 h. e 3 s. ....	4\$000	Leonardo, o pescador, 6 h. 1 s. ....	4\$000
Não dá passarinho, 10 h. e 7 s. ....	4\$000	Lóbo (O) do mar, 4 h. e 1 s. ....	4\$000
Piperlin, corrector de casamentos, 6 h. e 5 s. ....	4\$000	Lulz, ou a cruz do juramento, 6 h. e 1 s. ....	4\$000
Primeiro (O) Marido da França, 5 h. e 5 s. ....	4\$000	Jequitibá, 7 h. e 3 s. ....	4\$000
Que trapalhada! 4 h. e 3 s. ....	4\$000	João, o corta-marl 6 h. e 1 s. ....	4\$000
Que Sogra! 3 h. e 2 s. ....	4\$000	Morte civil, 6 h. e 2 s. ....	4\$000
Sallim Said Cima, 8 h. e 2 s. ....	4\$000	Nedoads (As) de sangue, 7 h. 1 s. ....	4\$000
Simpático (O) Jeremias, 8 h. e 3 s. ....	4\$000	Operários em greve, 8 h. só ....	4\$000
Saudade, 4 h. e 3 s. ....	4\$000	Pena (A) de morte, 6 h. e 1 s. ....	4\$000
Sobrinhos do papá, 4 h. e 1 s. ....	4\$000	Provas (As) do crime, 5 h. e 1 s. ....	4\$000
Tio (O) padre, 4 h. 1 s. ....	4\$000	Scenas da miséria, 7 h. e 1 s. ....	4\$000
Typos da actualidade, 3 h. e 3 s. ....	4\$000	Segredo (O) do pescador, 5 h. 1 s. ....	4\$000
Um amigo dos diabos! 4 h. 1 s. ....	4\$000	Setimo Céc, 13 h. e 3 s. ....	4\$000
<b>DRAMAS EM 1 ACTO</b>		Sonhos de louca, 7 h. e 1 s. ....	4\$000
Escravo (O) 3 h. e 1 s. ....	2\$000	Tocadora (A) de harpa, 7 h. 2 s. ....	4\$000
Garra (A) 4 h. e 1 s. ....	2\$000	Um erro judiciario, (O Louco da aldeia) 8 h. e 1 s. ....	4\$000
Ladrão de casa, 5 h. ....	2\$000	Valeria, a céga, 3 h. e 2 s. ....	4\$000
Maldição paterna, 7 h. ....	2\$000	Veterano da liberdade, 3 h. e 1 s. ....	4\$000
Mentira (A), 4 h. e 1 s. ....	2\$000	20.000 dollars, 13 h. e 2 s. ....	4\$000
Uma anedota, 3 h. ....	2\$000	<b>DRAMAS EM 4 ACTOS</b>	
Ultimo (O) adeus, 4 h. e 1 s. ....	2\$000	Cruz (A) do cedro, 10 h. e 1 s. ....	5\$000
Um dia de festa, 2 h. e 5 s. ....	2\$000	Filha (A) do Saltimbanco, 6 h. e 2 s. ....	5\$000
Vagabundo (O), 2 h. e 1 s. ....	2\$000	Gaspar, o serralleiro, 9 h. e 1 s. ....	5\$000
<b>DRAMAS EM 2 ACTOS</b>		Genio (O) galé, 8 h. e 1 s. ....	5\$000
Amor e honra, 4 h. e 2 s. ....	3\$000	Jocelyn, o pescador de baleias, 4 h. e 1 s. ....	5\$000
Culpa e perdão, 3 h. e 3 s. ....	3\$000	Ladrões da honra, 7 h. e 1 s. ....	5\$000
Dívida de honra, 4 h. e 1 s. ....	3\$000	Magda, 6 h. e 7 s. ....	5\$000
Galato (O) de Lisboa, 6 h. e 2 s. ....	3\$000	Mais forte que o amor, 10 h. 2 s. ....	5\$000
Rosas de Nossa Senhora, 6 h. e 3 s. ....	3\$000	Orphá (A) de Goyaz, 6 h. e 2 s. ....	5\$000
<b>DRAMAS EM 3 ACTOS</b>		Poder (O) do ouro, 12 h. e s. ....	5\$000
Advogado (O) da honra, 8 h. 1 s. ....	4\$000	Silencio heroico, 9 h. s. ....	5\$000
Amor louco, 5 h. e 1 s. ....	4\$000	Sylvio, o cigano, 7 h. e 1 s. ....	5\$000
Arnaldo, 10 h. e 1 s. ....	4\$000	Vampiros sociaes, 7 h. e 1 s. ....	5\$000
Arthur, o jogador, 10 h. ....	4\$000	<b>DRAMAS EM 5 ACTOS</b>	
Caboclos, 4 h. e 4 s. ....	4\$000	Cabana (a) de Pae Thomaz 14 h. e 4 s. ....	5\$000
Jogo de amor, 3 h. e 2 s. ....	4\$000	Conde (O) de S. Germano, 16 h. e 2 s. ....	5\$000
Diana de Rione, 7 h. e 2 s. ....	4\$000	Dalija, 9 h. e 5 s. ....	5\$000
Dois (Os) sargentos, 10 h. e 2 s. ....	4\$000	Escrava (A) Andréa, 4 h. e 1 s. ....	5\$000
Erro de um pae, 5 h. e 1 s. ....	4\$000	Filha (A) do mar, 16 h. e 3 s. ....	5\$000
Esposa e mãe, 5 h. e 1 s. ....	4\$000	Filho (O) do Montanhez, 5 h. 2 s. ....	5\$000
Espectro do passado, 7 h. e 1 s. ....	4\$000	Martyr (O) do Calvario, 22 h. e 6 s. ....	10\$000
Expedicionario (O), 6 h. e 1 s. ....	4\$000	Modelo (O) vivo, 10 h. e 1 s. ....	5\$000
Falsos (Os) amigos, 5 h. e 1 s. ....	4\$000	Remorso (O) vivo, 15 h. e 2 s. ....	5\$000
Ferro em braza, 10 h. e 3 s. ....	5\$000	<b>MONOLOGOS E POESIAS DRAMATICAS</b>	
Filha (A) do estalajadeiro, 6 h. e 1 s. ....	4\$000	A Lagrima ....	1\$000
Filha (A) do marinheiro, 3 h. e 1 s. ....	4\$000	A Morta Galante ....	1\$000
Filho (O) natural, 5 h. e 1 s. ....	4\$000	As distracções ....	1\$000
Filho (O) Prodigio, 8 h. s. ....	4\$000	Tragedia infantil ....	1\$000
Filhos (Os) da canalha, 5 h. 2 s. ....	4\$000	O Meiro ....	1\$000
Fogo do Céu (Relampago), 3 h. e 2 s. ....	4\$000	A Judicial (dialogo) ....	
Gabriel e Lushel (Os Milagres de Sto. Antonio), 17 h. e 7 s. ....	4\$000		

## TEATRO RADIOFONICO

Coleção de SKETCHS próprios para Estações de Rádio, Atores e Amadores Dramaticos, todos de grande successo e agrado certo.

Piedosa Mentira — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
Entre ás dez e as onze — 1 h. e 2 s. ....	1\$000
Os Sapatos de Natal — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
Querida Amiga — 1 h. e 2 s. ....	1\$000
O Colar de Perolas — 1 h. e 1 s. ....	1\$000
Injustiça da Lei — 1 h. e 1 s. ....	1\$000
A ultima do Polidóro — 1 h. e 1 s. ....	1\$000
Viagem Perigosa — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
Os Porteiros — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
Assombração — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
Como se pesca um noivo — 1 h. e 1 s. ....	1\$000
A Inspiração — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
A Velha Usuraria — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
A Vassoura Electrica — 1 h. e 1 s. ....	1\$000
O amor e o chá — 1 h. e 1 s. ....	1\$000
Recordação — 1 h. e 1 s. ....	1\$000
O Professor de violino — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
Ela e o chofér — 3 h. e 1 s. ....	1\$000
Viuvo do seculo XX — 2 h. e 1 s. ....	1\$000
Dentista patife... mas de sorte — 3 h. e 2 s. ....	1\$000
A Promessa — 3 h. e 1 s. ....	1\$000
A Chave — 3 h. e 1 s. ....	1\$000
Meu grande amor! — 3 h. e 1 s. ....	1\$000
A Tragedia! — 3 h. e 1 s. ....	1\$000
Camareiro Cuidadoso — 3 h. e 1 s. ....	1\$000
O "Palpite" do Manoel — 3 h. e 1 s. ....	1\$000

<b>Teatro de Oduvaldo Vianna</b> — Contendo as seguintes peças: O homem que nasceu duas vezes — Feitiço — A casa de Tio Pedro — A vida é um sonho — O vendedor de ilusões — Terra Natal. 1 grosso vol. de mais de 500 pags.		15\$000
<b>Teatro de Silvino Lopes</b> — 1 vol. contendo duas peças deste festejado autor: A Ladra, 3 actos, 3 h. e 2 s. e Esfinge, 3 actos, 4 h. e 4 s., representadas com grande successo em todos os teatros do Brasil. Preço do volume .....		12\$000
<b>Teatras por Jorgino</b> — Illustrações de J. Brito. Teatras é um livro cheio de bom humor, graça e alegria. 1 volume illustrado com capa artistica .....		5\$000
<b>LIRA TEATRAL</b> — Coleção de monologos, cançonetas, poesias, cenas comicas, etc., por J. Vieira Pontes. Nova edição melhorada. 1 vol. ....		10\$000
<b>Retalhos Teatraes</b> — Monologos e conferencias calpiras, por João Garrucha, 1 vol. br. ....		3\$000
<b>Teatro de Paulo de Magalhães</b> — Um grosso volume contendo as seguintes peças: Aventuras d'um rapaz feio — O Interventor — Saudade—O Bandeirante—Mais forte que o amor — O coração não envelhece. Preço do vol.		15\$000

**REPE PARA BARBAS** — de varias cores ao preço de metro..... 10\$000  
**ATTON** — para caracterisação. Caixa de 8 cores sortidas..... 12\$000